

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	2
2 - A IMPORTÂNCIA DO ANTIGO TESTAMENTO	2
3 - A CRÍTICA BÍBLICA.....	3
3.1. ATAQUE DIRECIONADO	3
3.2. DEFINIÇÃO DE TERMO	4
3.3. BREVE HISTÓRIA DA ALTA CRÍTICA BÍBLICA.....	4
3.4. HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA.....	5
3.5. A VERDADEIRA CAUSA DO CONFLITO	5
3.6. O SOBRENATURALISMO	6
3.7. INFLUÊNCIAS DO EVOLUCIONISMO.....	7
4 - BÍBLIA: OBRA DIVINA OU HUMANA?.....	8
4.1. SUA INSPIRAÇÃO	9
4.2. A IMPORTÂNCIA DA CORRETA DOCTRINA SOBRE A INSPIRAÇÃO	12
5 - O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO.....	13
5.1. A IMPORTÂNCIA DOS ROLOS DO MAR MORTO.....	14
5.2. O TRABALHO DOS COPISTAS.....	14
6 - A ARQUEOLOGIA E A BÍBLIA	15
6.1. A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	15
6.2. OS LIMITES DA ARQUEOLOGIA	16
7 - PESSOA, CIDADES E POVOS DO ANTIGO TESTAMENTO	17
7.1. PESSOAS	17
7.2. CIDADES	18
7.3. POVOS	19
7.4. OUTRAS DESCOBERTAS.....	19
8 - RESPOSTA ÀS OBJEÇÕES DOS CRÍTICOS AO ANTIGO TESTAMENTO.....	19
8.1. AUTORIA DO PENTATEUCO	19
8.2. COMPILAÇÃO OU REVELAÇÃO?.....	21
8.3. A DATA DO PENTATEUCO	21
8.4. A CRIAÇÃO	22
8.5. O DILÚVIO.....	23
8.6. A TORRE DE BABEL	24
8.7. OS PATRIARCAS	25
8.8. MONOTEÍSMO.....	26
8.9. SODOMA E GOMORRA.....	26
8.10. JOSÉ	27
8.11. MOISÉS.....	28
8.12. O ÊXODO	29
8.13. A LEI	30
8.14. A ARCA DA ALIANÇA	31
8.15. O MAR VERMELHO	31
8.16. CANAÃ	32
8.17. A RELIGIÃO DOS CANANEUS	33
8.18. AS MURALHAS DE JERICÓ	33
8.19. DAVI E SALOMÃO	34
8.20. JUÍZES, REIS E PROFETAS.....	35
8.21. PROFECIAS	36
8.22. TIPOS DE PROFECIAS.....	37
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39

1 - INTRODUÇÃO

Referindo-se a supostos erros da Bíblia, Agostinho colocou a questão da seguinte maneira: "Num caso desses, dever haver erro do copista, ou tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo entendê-la". Essas palavras de Agostinho ditas há mais de 1.700 anos, parecem não mais surtir efeito na moderna abordagem que muitos estudiosos bíblicos fazem das Escrituras hoje em dia. A Bíblia sempre esteve sob fogo cruzado, seja no campo teológico ou no científico. O começo do milênio nos trouxe um exemplo vívido disso. Nesses primeiros anos do novo milênio assuntos referentes à Bíblia estiveram por várias vezes em manchetes nas primeiras páginas das mais importantes revistas do país. Este hábito parece ser crescente e está virando moda entre a mídia escrita. Sempre que tocam em matéria de cunho religioso voltado para a religião judaico-cristã, há uma tendência deliberada em negar os eventos históricos da Bíblia, a existência de Jesus e a veracidade da fé.

Manchetes como Deus, precisamos dEle?; Eles querem Deus na ciência; Abraão existiu?; Bíblia, o que é verdade e o que é lenda?; Jesus traído; Fé, por que e como acreditamos e outras contribuíram para avolumar a biblioteca dos céticos.

Aqui trataremos de assuntos de grande relevância para o aluno no que concerne à apologética. Examinaremos as críticas que freqüentemente são levantadas contra ao Antigo Testamento. É o Antigo Testamento um mito? Podemos encarar a maioria de suas passagens como fatos históricos ou simplesmente alegóricos? Os milagres registrados no Pentateuco realmente existiram? Consideraremos questões como a inspiração, infalibilidade, profecias e por fim uma refutação dos principais pontos polêmicos do Antigo Testamento levantados pelos críticos para diminuir o valor deste documento. Antes, porém, vamos saber qual a importância que possui o Antigo Testamento para o povo de Deus.

2 - A IMPORTÂNCIA DO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra hebraica para Bíblia é Tanach, composta pelas consoantes T-N-Ch, que representam as três divisões das Escrituras: Torá (Pentateuco), Neviim (Profetas) e Ketuvim (Escritos). De forma genérica, costuma-se designá-la por Torá, que em hebraico significa "orientação", correspondendo à sua relação com o povo, uma orientação para a vida.

Leopold Zunz, um historiador da religião judaica do século XIX, deu, certa vez, uma caracterização muito feliz da Bíblia. Ele disse que a Bíblia tinha servido de "pátria portátil para os judeus". Uma idéia semelhante tinha sido expressa nove séculos antes pelo rabino Saádia, o Gaon (Reitor) da Ieshivá (Academia) de Sura: "Israel só é um povo graças à Torá". Esse fenômeno de uma Escritura que congrega em si a filosofia da crença religiosa, o guia de conduta moral, e que, num passado não muito remoto, abrangia e governava a totalidade da vida judaica, foi observado com admiração por Heinrich Heine, o grande poeta alemão, que declarou: "Os judeus podem consolar-se de haver perdido Jerusalém, o Templo, a Arca da Aliança, os vasos de ouro e os tesouros preciosos de Salomão. Tal perda é insignificante em comparação à Bíblia – o tesouro imperecível que salvaram. Se não me engano, foi Maomé quem denominou os judeus de 'O Povo do Livro' – nome que conservaram até o dia de hoje e que é profundamente característico. Esse livro é a sua pátria, seu tesouro, seu governante, sua felicidade e sua maldição. Vivem dentro dos limites pacíficos desse livro. Exercem ali seus poderes inalienáveis. Ali não podem ser espezinhados e nem desprezados". Sem a Bíblia seria impossível imaginar como os judeus poderiam ter sobrevivido como povo distinto ou como comunidade religiosa durante tantos séculos e através de tantas vicissitudes".

A essa Bíblia judaica nós chamamos de Antigo Testamento. A palavra "testamento" é de origem grega, diatheke e significa aliança, concerto ou testamento. O primeiro a aplicar o nome "Antigo Testamento" às Escrituras hebraicas foi Tertuliano.

Se tomarmos por certo que o Deus verdadeiro é um Deus imanente, presume-se que essa imanência não é passiva, mas comunicativa. Deus é um Deus que se comunica. O Antigo Testamento pode ser tomado como a voz de Deus. É Deus incessantemente se relacionando dentro do espaço-tempo com suas criaturas, é o princípio desta voz através de seus servos e profetas.

Contextualmente, este livro foi dado a um povo, a descendência de Abraão. Embora, secundariamente, suas promessas podem se estender a toda a humanidade, ele foi destinado precisamente aos Filhos de Israel. Toda a razão da existência do povo judeu depende deste Concerto, depende deste livro. Há três pensamentos básicos que permeiam todo o Antigo Testamento:

- A promessa de Deus a Abraão;
- O concerto de Deus com a descendência abraâmica;
- A promessa de Deus a Davi.

Entretanto, ao lermos as páginas desse livro, percebemos que esta voz tem uma direção certa. Há toda uma preparação que culmina para um só evento – a chegada do Messias.

Todas as profecias, cerimônias e rituais apontam inequivocadamente para a vinda de Cristo e sua obra, e isto desde Gênesis a Malaquias. Os escritores do Novo Testamento constantemente testificavam desta verdade ratificando as palavras do Antigo Testamento. Há uma gama enorme de textos do Antigo Testamento nos escritos neotestamentários.

Pelo próprio teor de todas essas promessas há de se deduzir que os escritores queriam transmitir não contos míticos, mas uma história verdadeira. Não há um só vestígio no Antigo Testamento mostrando que essa literatura seja não-histórica. Cada página mostra que seus autores escreveram com propósitos de persuasão. Seria difícil e até impossível persuadir uma nação inteira de sua identidade ideológica com contos inverídicos! Quem iria morrer em batalhas sangrentas, muitas vezes em desvantagem militar do ponto de vista qualitativo e quantitativo, em prol de invencionices? E o pior, se considerarmos a ignorância da nação sobre tais dados fictícios, mesmo assim seria difícil de acreditar que homens piedosos inventariam tais coisas sabendo que seu povo poderia ser dizimado defendendo ardentemente a crença em meras lendas que eles mesmos inventaram! Definitivamente, esse estereótipo, como muitas vezes é passado, não reflete o caráter dos escritores do Antigo Testamento. Daremos em seguida, para título de conhecimento, um breve resumo da estrutura dos livros do Antigo Testamento.

3 - A CRÍTICA BÍBLICA

3.1. Ataque Direcionado

Desde que Moisés escreveu “No princípio criou Deus...” a desejada derrocada que se espera dos oráculos divinos está posta, por assim dizer, no inconsciente coletivo da humanidade. Deixe-me explicar: urge memorar que o diabo sempre tentou desacreditar e até mesmo destruir a Palavra de Deus. Seu intento não acabou, ele apenas mudou de tática. Hodiernamente ele trabalha não mais com a fogueira, mas usa métodos refinados com os quais a nossa moderna mente científica se apraz em aceitar sem contestação. Vivendo em uma época ímpar da história, nosso ambiente relativista propicia que a palavra final da verdade seja dada não mais por um ser que não podemos ver, tocar ou cheirar, um ser que escapa à verificação de nossas pesquisas científicas, mas aos dados materialistas de nosso século XXI. Sendo assim, qualquer coisa que se relacione a este ser é impiedosamente colocada sob suspeita. Tendo em vista que a herança e as promessas espirituais do cristão encontram seu embrião dentro dessa herança literária primitiva chamada “Antigo Testamento”, é de suma importância defendermos tanto uma como a outra dos ataques do maligno.

3.2. Definição de Termo

A palavra crítica vem do grego *kritiké*, do feminino *kritikós*. Denota basicamente dois conceitos: um positivo, como juízo crítico, discernimento, critério, discussão dos fatos históricos, apreciação minuciosa; e outro, negativo, ato de criticar, de censurar, condenação, julgamento ou apreciação desfavorável.

Há ainda um terceiro que é a arte ou faculdade de examinar e/ou julgar as obras do espírito, em particular as de caráter literário ou artístico. Este último processo que constitui o foco de nosso exame iniciou-se no Renascimento, e firmou-se no final do século XVIII. Mas a crítica em si, como ato reflexivo, remonta aos gregos. Platão refletiu, de maneira geral e assistemática, sobre o problema da arte e da literatura. Aristóteles, com a *Poética* e a *Retórica*, estabeleceu as bases da crítica literária e o modelo do método objetivo, indutivo, para apreciação do fenômeno literário.

Explicar, interpretar, criticar a literatura é, assim, buscar as condições que determinaram sua gênese, seja no íntimo da personalidade criadora, seja nos fatores ambientais geográficos, raciais ou sociais.

Embora o termo com suas implicações modernas tenha tomado um sentido pejorativo, chegando a ser sinônimo de ceticismo, devido a certos críticos e suas teorias que procuram desacreditar as Escrituras, não devemos, todavia, associá-la somente a esta classe. Mesmo porque ela, sem dúvida, é de alto interesse e valor para qualquer estudante de teologia.

Indo mais longe diríamos que é até mesmo necessária à Bíblia. Serve para emitir um julgamento imparcial mediante observações e estudos da história e o estado atual do texto original das Escrituras, aumentando com isso seu valor e confiabilidade. Esse é o conceito positivo de que se ocupa a palavra crítica aplicada ao estudo sistemático da literatura secular ou bíblica.

Em sua aplicação ao texto bíblico pode ser dividida em dois grandes grupos:

A. Crítica Textual ou Baixa Crítica. Dá-se o nome de crítica textual à técnica filológica aplicada à reconstituição dos textos originais das obras literárias, que se desenvolveu, sobretudo a partir do estabelecimento dos textos de clássicos antigos e da Bíblia. Ocupa-se mais com a natureza verbal e histórica confinada a vocábulos e suas colocações conforme aparecem nos textos bíblicos e seus manuscritos. Na prática, sua preocupação principal é restaurar o texto original na base das cópias que chegaram até nós provendo a correta leitura e interpretação do texto.

B. Alta Crítica. Método literário de interpretação das Sagradas Escrituras que tem por objetivo determinar a autoria, data e circunstância em que foram compostos os santos livros. Este método verifica também as fontes literárias e a confiabilidade histórica da Bíblia. Ela consiste em extrair dos textos resultados, a partir de um enfoque sobre a natureza, o método e conexão do contexto, das circunstâncias conhecidas dos escritores bíblicos, o assunto dos argumentos dos diferentes livros sagrados. Ela se ocupa com a nobre tarefa de examinar a integridade, autenticidade e credibilidade dos escritos que compõem o Livro Sagrado. O "alto crítico" procura saber a origem, o autor e como ele compôs o livro. Tudo isso deveria salutarmente ser aplicado às Escrituras. Quando alguém pergunta quando, quem e por que o Velho ou o Novo Testamento foi escrito, está na realidade, fazendo uma alta crítica da Bíblia.

Enquanto a primeira lida com o texto determinando o que o original dizia; a última trata com a fonte do texto tentando descobrir quem disse, quando, onde e por que foi dito. Mas em ambas as divisões da crítica o questionamento é a característica predominante. O método é sempre o mesmo: perguntar.

3.3. Breve História da Alta Crítica Bíblica

Embora, como já vimos, um tipo primitivo de crítica, bem antes de Cristo, tenha sido aplicada à investigação literária, contudo, J. G. Eichhorn, um alemão do século XVIII, foi o primeiro a aplicá-la ao estudo da Bíblia. Por isso ele é chamado de o "pai da crítica do

Antigo Testamento". Mas sua aplicação prática foi lançada mesmo por Jean Astruc em seu tratado sobre o Gênesis em 1753. Astruc, conquanto defendia a autoria mosaica do livro, asseverou, entretanto, que havia indícios de várias fontes entrelaçadas por todo o livro. Em outras palavras, Moisés lançou mão de várias fontes e não somente uma para compor o livro. Pode-se dizer então que a alta crítica originou-se devido às investigações do Pentateuco, embora, de maneira naturalista e racional, relegando os milagres bíblicos a meras lendas e contos populares. Até mesmo muitas passagens, locais, personagens e costumes considerados por cristãos e judeus durante séculos como verídicos, foram postos sob suspeita. Tendo este pano de fundo histórico em mente, podemos então entender em que se firmam as bases do liberalismo teológico. É de se considerar que desde Astruc até aos dias de hoje, têm surgido várias escolas de alta crítica, com as mais variadas teorias, levando assim, para mais longe da ortodoxia as conclusões delas resultantes. Por isso, em alguns círculos ela é chamada pejorativamente de "alta crítica destrutiva" ou "negativa".

3.4. Hipótese Documentária

O alemão Julius Wellhausen, deu expressão a esta teoria quando propôs que o Pentateuco foi uma compilação de quatro documentos escritos por autores diferentes e independentes durante um período de cerca de 400 anos, sendo finalmente redigido em sua forma básica por volta do quinto século a.C., ou seja, cerca de mil anos depois dos acontecimentos descritos. Wellhausen considerava as histórias bíblicas como tradições populares que funcionavam como um espelho para transmitir eventos históricos posteriores. Por exemplo, a luta entre Jacó e Esaú nada mais era do que um reflexo da inimizade entre as nações de Israel e Edom, assim como as histórias de Sodoma e Gomorra, o Êxodo e até mesmo o rei Davi.

Fora estas classificações de críticas, temos ainda: crítica histórica, crítica das fontes, crítica da forma, crítica da tradição e crítica da redação. O escopo desta matéria não pretende explicar cada uma das várias e confusas teorias de cada uma delas, antes, mostrar que suas conclusões não procedem, firmando-se acima de tudo em especulações e não em fatos históricos reais. Um elo comum que liga todas essas teorias é a chamada fonte JEDS.

A. O que são tais documentos? Partindo dos critérios usados na crítica literária, os críticos liberais alegaram encontrar quatro documentos diferentes dentro do Pentateuco principalmente no livro do Gênesis. Concluíram que esses documentos poderiam ser divididos levando-se em conta as variações dentro do texto. Os vários estilos, nomes divinos diferentes e repetições de narrativas confirmariam tal hipótese. Mas porque eles classificaram esta "fonte" como JEDS. Vejamos:

- Documento "J" - representaria o escritor que usou o nome Jeová (YHWH) em seus documentos.
- Documento "E" - representaria o escritor que usou o nome Elohim em seus documentos.
- Documento "D"- representaria o código deuteronomico que seria uma redação tardia encontrado em 621 a.C;
- Documento "S" - representaria o último escritor a trabalhar numa redação do AT. Ele pertencia à classe sacerdotal e viveu durante o exílio babilônico.

Dizem que o estilo da escrita de cada documento, assim como seu objetivo, difere entre si. Enquanto o documento "J" apresenta uma linguagem florida, o "S" possui a linguagem não de um historiador, mas de um jurista. Partindo deste falso pressuposto eles descartaram a autoria mosaica do Pentateuco.

3.5. A Verdadeira Causa do Conflito

A. Pressupostos.

1. Que se pressupõe.

2. Pressuposição; conjectura.
3. Desígnio, tenção, projeto.
4. Circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro. (Dicionário Aurélio Séc.XXI)

No contexto de nosso estudo, poderíamos afirmar que pressupor seria chegar à conclusão sobre algo antes de se dar início às investigações a respeito. É o mesmo que preconceito, opinião preconcebida, conclusão previamente fixada, etc...

B. É algo negativo o pressuposto? Diríamos que os pressupostos em si não são negativos e nem positivos, servem apenas como princípios normativos de investigações. Toda pesquisa histórica possui os seus "a priori". Tanto o crítico radical da Bíblia como o conservador, partem de certos pressupostos para desenvolverem suas pesquisas. Os pressupostos na verdade são quase inevitáveis! Portanto, o problema se encontra em outro patamar, isto é, não é questão de ter ou não pressupostos, mas se tais pressupostos coincidem com a realidade. Há evidências factuais o suficiente para mantê-los de pé? Isto nos leva ao estudo de outro quesito que está intrinsecamente ligado a este e que na verdade é a premissa de todos os pressupostos levantados em muitos círculos de crítica bíblica – o sobrenaturalismo.

3.6. O Sobrenaturalismo

Toda crítica bíblica destrutiva está firmada sobre o sobrenaturalismo, ou melhor, no anti-sobrenaturalismo de seus críticos.

Estas são as duas premissas das quais ambos os críticos, liberal ou conservador, partem quando intentam levar a cabo suas pesquisas. Por exemplo, o erudito liberal, ao efetuar suas pesquisas, parte necessariamente do pressuposto de que não existe nada de sobrenatural na Bíblia. Tudo que se refere a milagres na Bíblia é relegado a meras histórias míticas. Por outro lado, o conservador, parte da idéia de que Deus interveio no espaço-tempo em determinadas épocas para um determinado povo e, sendo assim, a hipótese sobrenatural não pode ser descartada, na verdade, ela é necessária para uma correta interpretação do texto. Por fim, tais premissas não só irão determinar grandemente a metodologia [de ambas as partes] que será usada em suas investigações, como também suas conclusões serão grandemente influenciadas por elas. Então, o resultado final sempre será influenciado pelos pressupostos de ambos os lados.

As proposições apresentadas por tais críticos negativos se baseiam em grande parte no seguinte silogismo:

1. Deus não existe.
2. Se Deus não existe o sobrenatural não é possível.
3. Se o sobrenatural não é possível os milagres não existem.

Deve-se ressaltar que, muitos estudiosos abordam a história partindo de uma noção preconcebida não tanto de caráter factual, mas moral, religioso ou filosófico. A razão está no fato de que essas abordagens pressupõem certas conclusões que forçosamente determinarão seu conceito filosófico. Conseqüentemente, sua cosmovisão será forçosamente afetada.

Quando um crítico aborda certos milagres, como as pragas do Egito, a criação de Adão e Eva ou a ressurreição, geralmente a reação imediata deles é "Deus não existe" ou "milagres não acontecem", ou ainda, "vivemos em um universo fechado", portanto, isso não pode ser um milagre. Por universo ou sistema fechado entende-se que tudo deve ter uma explicação natural dentro de nosso próprio mundo, dispensando quaisquer intervenções, dentro deste sistema, vindas de fora. Um exemplo moderno disto é a chamada parapsicologia. Os estudiosos desta nova ciência tendem a rejeitar as afirmações bíblicas qualificando os milagres bíblicos na categoria alegórica ou meramente cultural. O fenômeno bíblico da glossolalia se presta a um bom exemplo do que queremos dizer. Atribuem a ele um sentido totalmente psicológico debaixo de explicações puramente naturalísticas.

A bem da verdade, a ciência é limitada e nunca poderá explicar coisas que estão além dos padrões estabelecidos por ela mesma. Nunca chegaríamos a um denominador comum, posto que estaríamos abordando o assunto em campos diferentes; a ciência trabalha com coisas materiais e passíveis de repetição e os milagres transcendem a tudo isso. Portanto, a tendência de muitos críticos bíblicos cuja metodologia está fundamentada em parte em métodos científicos é admitir que não existe a realidade espiritual, portanto, não existem milagres.

Norman Geisler deu uma lista de vários argumentos de pensadores anti-sobrenaturais importantes como, por exemplo, Spinoza que expôs seu ponto de vista quanto à impossibilidade de milagres da seguinte maneira:

“...que, então, nada acontece na natureza em transgressão às suas leis universais, não, coisa nenhuma está de acordo com isso e segue esse conceito, para [...] ela [natureza] permanece firme e imutável”. De fato, “um milagre, se transgride a, ou está além da natureza, não é mais do que um absurdo”. Spinoza era dogmático quanto à impossibilidade de milagres: “Podemos, então, estar completamente certos de que cada evento [fato, acontecimento, neste caso, os milagres] descrito na Escritura passou, assim como todos os demais, segundo as leis naturais”.

Geisler ainda resumiu os argumentos de Spinoza da seguinte maneira:

1. Os milagres são violações das leis naturais.
2. As leis naturais são imutáveis.
3. É impossível para as leis imutáveis serem violadas.
4. Por conseguinte, os milagres são impossíveis.

Certo erudito alemão resumiu bem o preconceito filosófico que norteia a metodologia dos críticos: “A apresentação de um curso da história deve ser reputada, a priori, como inverídica e não-histórica se houver fatores sobrenaturais interpostos”.

Josh McDowell cita a posição de A. Kuenen, um anti-sobrenaturalista, que resume bem o que queremos dizer: “Enquanto atribuímos alguma parte da vida religiosa de Israel diretamente a Deus, permitindo que a revelação sobrenatural ou imediata se imiscua, ao menos em uma instância, por todo esse tempo permanecerá inexata a nossa perspectiva do todo, e nos veremos forçados a fazer violência aqui ou lá, ao firme conteúdo dos relatos históricos. Somente se partimos da posição de um desenvolvimento natural é que levaremos em conta todos os fenômenos”.

Diz ainda McDowell que “para um crítico radical, a presença do elemento miraculoso serve de evidência suficiente para que ele rejeite a sua historicidade, ou, pelo menos, serve de razão suficiente para ele rejeitar a ‘credibilidade de suas testemunhas’”.

3.7. Influências do Evolucionismo

Um dos conceitos que mais tem afetado nosso mundo é, sem dúvida, a tese evolucionista. Charles Darwin não foi o criador dessa teoria, contudo, depois dele, ela ganhou mais força e passou a fazer parte de quase todos os conceitos modernos de ciência. Da biologia, passou para a física, arqueologia, antropologia, sociologia e chegou à religião.

O teólogo jesuíta Teilhard de Chardin e o codificador do espiritismo moderno, Allan Kardec, são exemplos de religiosos que procuraram fundamentar religião com ciência baseado na teoria da evolução.

Como o método era puramente racional e naturalístico, era quase impossível não prever que as investigações da “alta crítica” pudessem ser influenciadas pela emergente teoria evolucionista. Isto de fato se deu e explica, em parte, essa aversão que muitos críticos têm em relação a todos os que crêem literalmente nos relatos bíblicos taxando-os pejorativamente de “fundamentalistas” que “crêem na Bíblia ao pé da letra”. É interessante o

que Josh McDowell registrou sobre este assunto citando Herbert Hahn: "...O conceito genético da história do Antigo Testamento ajustava-se ao princípio evolucionário de interpretação que prevalecia na ciência e na filosofia contemporâneas [...] No campo das ciências naturais, a influência exercida por Darwin tinha feito da teoria da evolução a hipótese predominante que afetava todas as pesquisas".

Deve-se ter presente que a teoria da evolução não é um fato. Não passa disso: uma teoria e que, por sinal, carece de provas. Por isso, atualmente, cada vez mais estudiosos estão rejeitando-a como única explicação científica plausível para desvendar os mistérios da vida.

Mas os historiadores críticos da escola da "alta crítica", como consequência desta ótica evolucionista, começaram a encarar a história da religião dos hebreus como apenas uma longa jornada religiosa evolucionária até se formar o que é hoje. Tais indivíduos advogam que as religiões, em geral, evoluíram do animismo para o politeísmo, e deste para o henoteísmo e, finalmente, chegando ao monoteísmo. O problema disto tudo é que, inevitavelmente, elas convergem sempre para o anti-sobrenaturalismo.

Diz Norman Geisler que "A idéia de que o monoteísmo evoluiu recentemente ganhou popularidade após a teoria da evolução biológica de Charles Darwin, em sua obra "A origem das espécies", de 1859. Em outra de suas obras, Darwin escreveu: "Não há nenhuma evidência de que o homem tenha originalmente adotado a crença na existência de um Deus onipotente". Pelo contrário, Darwin acreditava que "as faculdades mentais humanas [...] conduziram o homem à crença em entidades espirituais e, desta, para o fetichismo, o politeísmo e, por fim, o monoteísmo...".

Quais são as implicações reais de tais deduções ao estudo da Bíblia? O maior perigo está em que, quando é posta sob suspeita a estrutura histórica dos livros bíblicos, sua mensagem também corre perigo. Já não se pode considerar a Bíblia como a autêntica mensagem de um Deus vivo que fala à humanidade, mas apenas às conjecturas religiosas de homens falíveis.

Outro perigo é que quando os críticos permitem que suas teorias sejam influenciadas pelo evolucionismo, eles não só correm o risco de alicerçar essas teorias em uma tese defeituosa e especulativa, como suas conclusões, irão, por fim, eliminar a necessidade de crer num Criador e em sua mensagem inspirada.

Isto posto, podemos resumir as proposições da alta crítica destrutiva da seguinte maneira:

1. Milagres não existem;
2. A Bíblia não passa de um produto da mente humana;
3. Os livros bíblicos foram escritos muito tempo depois de sua composição;
4. Os milagres nada mais são que mitos e lendas dos antigos hebreus.
5. Existem erros e contradições na Bíblia;

Apesar de existirem outros, são basicamente esses cinco itens que prejudicam diretamente as seguintes verdades bíblicas:

1. Inerrância;
2. Inspiração verbal e plenária da Bíblia;
3. Autenticidade;
4. Veracidade;
5. Credibilidade.

4 - BÍBLIA: OBRA DIVINA OU HUMANA?

Diante de tudo que já vimos é justo perguntar: a Bíblia é a Palavra de Deus ou de homens? Deve ser encarada como fruto de qualquer obra literária religiosa ou é um livro inspirado por Deus, trazendo uma mensagem infalível e pessoal aos seres humanos?

A pessoa que estudar a Bíblia destituída de preconceitos céticos constatará facilmente que ela [a Bíblia] faz reivindicações elevadíssimas para ser um mero livro de autoria puramente humana. Ela declara de si mesma ser a única revelação de Deus ao homem. Coloca-se como a fonte para as respostas cruciais da vida concernentes a pontos de vista ético, moral, espiritual etc...

Podemos dizer então que a Bíblia é um livro sui generis, incomparável não só em sua estrutura, mas principalmente em sua mensagem. A Bíblia foi inspirada por Deus.

4.1. Sua Inspiração

O que é inspiração? Algumas definições são:

- Do latim *inspiratione*, subst. fem.:
- Ação ou efeito de inspirar (-se) ou de ser inspirado;
- Ato de introduzir o ar nos pulmões, de inspirar;
- Qualquer estímulo ao pensamento ou à atividade criadora;
- O resultado de uma atividade inspiradora;
- Pessoa ou coisa que inspira; inspirador;

Teologia – moção divina que, segundo a crença cristã, teria dirigido os autores dos livros da Bíblia (Dicionário Aurélio Séc.XXI).

Podemos achar em algumas dessas definições um exemplo bíblico que a enquadram.

- A primeira de todas elas nos fala da ação que é gerada em si. Quantas pessoas poderiam economizar seu dinheiro com sessões psiquiátricas, se tão somente olhassem para si e vissem como a imagem e semelhança de Deus. Certamente, tal noção como a coroa da criação os levaria à inspiração para a vida.
- A segunda definição nos leva de volta à criação do homem, quando Deus, com seu hálito, insuflou para dentro do homem o seu fôlego de vida: “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” (Gn 2.7).
- Aqui se enquadram todos os grandes gênios artísticos. Em literatura, quando dizemos que tal obra foi inspirada, estamos admitindo que a pessoa que a compôs foi auxiliado por uma força criadora além dela. Dizemos então que tal pessoa foi inspirada em sua obra, ou que tal obra nos inspira.
- Estas nos lembram as passagens bíblicas que nos alentam e nos inspiram quando estamos fracos ou cansados. A Bíblia inteira é capaz de inspirar as pessoas não somente na parte espiritual, mas até mesmo na artística como foi o caso das obras de Michelangelo, um dos maiores gênios do humanismo renascentista que, inspirado em passagens da Bíblia, deixou uma coleção de pinturas nas paredes da Capela Sistina no Vaticano como um tesouro para a humanidade. Entre suas obras está a criação do céu, a criação de Eva, o dilúvio, o rei Davi, o profeta Ezequiel e o Juízo Final. No Brasil temos o gênio barroco Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, cuja obra principal foram suas famosas esculturas em pedra-sabão dos doze profetas.

Apesar de várias dessas noções de inspiração poderem ser partilhadas por crentes e não crentes, é a última que diz respeito exclusivo às Escrituras. Muitos, no entanto, consideram a Bíblia inspirada usando algumas das definições restantes descritas anteriormente. Apesar de muitos tomarem para si essa concepção em relação à Bíblia Sagrada, é isso de fato que significa inspiração bíblica? A Bíblia é um livro diferente dos

outros quanto à inspiração? Ou podemos considerá-la em pé de igualdade com outras obras de inspiração humana?

Pedro responde a essa pergunta ao dizer “que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.” (2 Pe 1.20-21).

Então, no campo teológico, por inspiração, entendemos que a Bíblia foi dada diretamente por Deus. Uma passagem crucial para explicar a inspiração se encontra em 2Timóteo 3.16 que diz que “Toda Escritura é divinamente inspirada...”. A palavra para inspiração neste trecho é *theopneustos* que tem uma conotação muito mais profunda do que mera inspiração. Na verdade, o texto literalmente significa que o *graphe* foi “soprado por Deus”. As Escrituras receberam o sopro divino. Quanto a isso, diz o comentarista bíblico R.N. Champlin: “A expressão simbólica talvez seja a de Deus a soprar sobre as Escrituras (estando elas personificadas como um ser) para fazê-las viver, tal como fez com o homem, o qual se tornou alma vivente. Ou então as Escrituras podem ser reputadas aqui como o ‘sopro de Deus’, que infunde vida a tudo quanto atinge”.

Sendo assim, quando então os profetas escreviam suas profecias não era meramente um conto mítico, uma lenda, ou então uma história creditada às qualidades intelectuais deles próprios, mas era verdadeiramente a Palavra inspirada pelo próprio Deus que estava sendo transportada de seus pensamentos para o pergaminho.

Os autores neotestamentários tinham essa forte convicção, quando mencionavam o Antigo Testamento. A certeza de que o Antigo Testamento era em todos os sentidos “a Palavra inspirada de Deus” era algo inseparável de sua teologia e permeia todo o Novo Testamento.

Certamente, Jesus não deixou nada escrito para nós, contudo seus ensinamentos foram transmitidos através de seus apóstolos e discípulos. Deste modo, podemos saber qual o conceito que Jesus nutria quando se tratava dos escritos do Antigo Testamento. Lendo as Escrituras cristãs gregas, percebemos que Jesus não só confirmou todo o Antigo Testamento como inspirado como também chegou a distinguir o que era e o que não era inspirado. Isso porque, para o judeu, ortodoxo ou não, a Palavra de Deus não é somente o que está escrito.

Embora os livros do Antigo Testamento sejam realmente vistos como a Bíblia dos judeus, a ortodoxia judaica, no entanto, está definida por uma coleção de tradições rabínicas antigas, conhecida como o Talmude. Em efeito, as tradições do Talmude levam uma autoridade igual a da Bíblia. O Talmude, segundo a terminologia adotada na edição de Basiléia (1578-1581), compreende a *Mischná* (conjunto de toda a lei oral admitida) e o *Guemará* (“aprendizado” ou “ensino” em aramaico, conjunto de comentários feitos por doutores da lei sobre a *Mischná* e outras coletâneas de leis orais).

Os judeus da época de Jesus também colocaram a sua *Mischná* em pé de igualdade com a Bíblia. Jesus então passou a confrontá-los com a verdadeira Palavra inspirada de Deus. Veja algumas passagens bíblicas:

“Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Por que transgredis vós, também, o mandamento de Deus pela vossa tradição?” (Mt 15.3).

“Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens” (Mc 7.8).

“E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição.” (Mc 7.9).

Jesus também reivindicava ser o cumprimento do Antigo Testamento:

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.” (Mt 5.17-18; Lc 24.44).

Jesus apelava constantemente para a autoridade do Antigo Testamento:

"Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus." (Mt 4.4).

Suas citações quanto ao Antigo Testamento também são abundantes:

"Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca" (Mt 24.38).

Na época existiam vários livros apócrifos que em alguns lugares, chegaram a competir com os livros sagrados. Jesus e os apóstolos então usavam o termo "Escrituras" para distinguir os livros divinamente inspirados do Antigo Testamento dos outros. Veja:

"...e a Escritura não pode ser anulada..." (Jo 10.35).

"Porque com grande veemência, convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo." (At 18.28).

"Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis." (Tg 2.8).

Paulo usou o termo "sagradas letras" ao se referir ao Antigo Testamento:

"...E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus." (2Tm 3.15).

Não há dúvida de que a autoridade do Antigo Testamento como Palavra inspirada de Deus foi ratificada por Jesus e seus apóstolos.

Entretanto, é sempre bom lembrar que a inspiração diz respeito somente aos escritos e não aos escritores, diz respeito à mensagem não ao conteúdo, a inspiração se restringe aos originais e não às cópias.

É interessante sabermos aqui que há uma significativa diferença entre inspiração, revelação e iluminação.

A inspiração tem a ver com a recepção e o registro da verdade, a revelação tem a ver com a transmissão, e a iluminação é a compreensão desta mesma mensagem. Toda a Bíblia foi inspirada por Deus, mas nem tudo nela é produto de revelação. A revelação implica em Deus mostrar fatos desconhecidos ao escritor sacro, enquanto que na inspiração isto não se faz necessário. Por exemplo: Moisés recebeu os primeiros capítulos de Gênesis por revelação enquanto os outros não foram necessariamente produto de uma revelação por parte de Deus. Lucas foi inspirado a reunir vários documentos cristãos precedentes para confeccionar seus dois livros, o Evangelho e o livro de Atos (Lc 1.1-4). Paulo, que não andou com Cristo e nem recebeu instrução apostólica, deixou-nos um tesouro teológico de inestimável grandeza em suas epístolas. Enquanto Lucas foi inspirado a escrever partindo de material preexistente, a Paulo foi revelado, sem o auxílio de homem algum o que escrever. Quanto à iluminação, em 1 Pedro 1.10-12 se encontra um ótimo exemplo do que significa isso: "De qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar."

Neste caso os profetas recebiam a revelação e a inspiração, mas muitas delas não eram acompanhadas de iluminação. O estudante precisa saber que existem graus na iluminação, mas não na inspiração.

Várias teorias têm surgido para explicar a inspiração das Escrituras as quais podemos enquadrar dentro de três grandes grupos, a saber:

1. Ortodoxia - que sustenta ser a Bíblia a Palavra de Deus;
2. Liberalismo - que sustenta que a Bíblia contém a Palavra de Deus;
3. Neo-ortodoxia - que afirma que a Bíblia torna-se a Palavra de Deus.

Dentro destes grupos temos embutido o que chamamos de:

A. Teoria da Inspiração Natural. Essa teoria considera a Bíblia como produto da mente humana. Para eles os escritores foram homens dotados de uma inteligência especial tais como Sócrates, Milton, Rui Barbosa etc...

B. Teoria da Inspiração Divina Comum. Essa teoria ensina que a inspiração da Bíblia é a mesma que vem a nós quando oramos, pregamos, ou compomos um hino.

C. Teoria da Inspiração Parcial. Essa teoria ensina que somente em algumas partes a Bíblia é inspirada.

D. Teoria do Ditado Verbal. Essa teoria ensina que somente as palavras foram inspiradas. Ela exclui qualquer possibilidade de Deus ter usado os dotes literários e o estilo de cada escritor. O escritor seria uma espécie de máquina de escrever.

E. Teoria da Inspiração das Idéias. Essa teoria sustenta que Deus inspirou apenas as idéias e não as palavras.

Não obstante, a única teoria que faz jus às reivindicações bíblicas é a da Inspiração Plenária ou Verbal. Ela ensina que, apesar de Deus usar os escritores sacros em suas próprias línguas e estilos, eles foram inspirados pelo Espírito Santo. Toda a Bíblia foi inspirada! Ela proclama ser a Palavra de Deus e essa reivindicação interior é por demais contundente. Esse fio de pensamento encontra-se em todo o Livro. Mas ela não só reivindica ser inspirada como fornece provas internas e externas dessa reivindicação como ocorre, por exemplo, por meio da expressão "assim diz o Senhor" que aparece mais de 2.600 vezes dentro do Livro. Ele corta todo o Velho Testamento tal como um selo de autenticidade divina. Também podemos contar com a voz do Espírito Santo constantemente atestando no interior do ser humano esta verdade. Além disso, a perfeita unidade da Bíblia em sua mensagem constitui um dos pontos mais importantes desta prova juntamente com sua milagrosa exatidão profética. E por fim, sua poderosa capacidade de transformação. Com relação a este último ponto, ressaltamos que a Bíblia é o único livro que já deu provas de transformação social, moral, e espiritual no mundo. Céticos têm se dobrado diante de seu poder convincente, pagãos têm sido transformados em verdadeiros adoradores do Deus vivo e pessoas das mais diversas partes do mundo, de diferentes camadas sociais têm sido transformadas por sua mensagem. Eis aí as provas que nenhum livro religioso em todo o mundo pode dar a não ser a Bíblia!

4.2. A Importância da Correta Doutrina Sobre a Inspiração

A correta doutrina sobre inspiração plena pressupõe inerrância. Por inerrância entendemos que a Bíblia não erra. Sendo que tal livro foi inspirado por Deus e sabendo de antemão que Deus não erra, por conseguinte a Bíblia não contém erros. Erro, neste contexto, denota algo que não corresponde à realidade. Sem essa verdade outra importante doutrina decorrente dessa cairia por terra, isto é, a doutrina da infalibilidade. Estes três pontos estão tão intrinsecamente ligados que se um deles cair, os demais desmoronam juntos.

É importante frisar, entretanto, que por inerrância não queremos dizer que não haja dificuldades na Bíblia. A infalibilidade, como já dissemos, não se estende às cópias. Gleason Archer nos dá uma lista de alguns destes erros de transmissão que são a causa de julgamentos preconcebidos. Iremos nos restringir aqui a reproduzir parcialmente esta lista:

- Haplografia – é escrever uma vez o que deveria ter escrito duas vezes;
- Ditografia – Este erro é o oposto do primeiro, consiste em escrever duas vezes o que se deveria escrever uma única vez;
- Metátese – Mudança da ordem das palavras ou letras;
- Fusão – Consiste no erro de fundir duas palavras numa só, dando sentido diferente ao contexto;
- Fissão – É o oposto da fusão;

- Homofonia – palavras com sentidos diferentes tenham o mesmo som;
 - Leitura errônea de letras parecidas;
 - Omissão accidental de palavras.

Para resolver estas dificuldades textuais, os críticos elaboraram algumas regras que servem para nortear o exame da Bíblia a fim de que se obtenha uma correta compreensão exegetica. Eis algumas delas:

- Em geral, prefere-se o texto mais antigo ao mais recente;
- O texto mais difícil é preferível ao mais fácil;
- Deve-se preferir o texto mais curto ao mais longo;
- O texto que tiver uma aceitação mais ampla ao que for mais restrito a certa região;
- O texto que não reflete nenhum desvio doutrinário por parte do copista, deve ser preferido à redação que deixa claro estar contaminada por espírito partidário.

Contudo, é bom saber que muitas dificuldades partem não de algum erro textual, mas de erros de interpretação do próprio crítico. Geisler e Tomas Hower nos mostram alguns destes erros:

- Assumir que o que não foi explicado seja inexplicável – não devemos supor que o que até agora não foi explicado seja inexplicável;
- Presumir que a Bíblia é culpada, até que alguém prove o contrário;
- Confundir nossas falíveis interpretações com a infalível Palavra de Deus;
- Falhar na compreensão do contexto da passagem;
- Deixar de interpretar passagens difíceis à luz das que são claras;
- Basear um ensino numa passagem obscura;
- Esquecer-se de que a Bíblia é um livro humano, com características humanas;
- Assumir que diferentes narrações sejam falsas;
- Ignorar que Deus possa usar meios naturais para realizar milagres.

A doutrina da inerrância é tão importante que implica em ser uma das possíveis provas materiais da existência de Deus. De fato, essas são pistas fortíssimas que levaram o povo de Deus a formar o seu cânon sagrado.

5 - O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra cânon, originalmente em hebraico, significava “vara ou cana”. No entanto, através da morfologia das palavras, o seu significado passou por diversas modificações até ser sacralizada em nossa moderna linguagem teológica. Hoje, entendemos por “cânon” o “critério”, “padrão” ou “norma” usados para aferir a autenticidade de um livro como inspirado por Deus e aceito por seu povo. Em suma, podemos dizer que é o conjunto de livros que compõe o atual texto da Bíblia. Por sua vez, é justamente a inspiração o primeiro critério usado para incluir um livro no cânon sagrado. No que diz respeito ao Antigo Testamento, sua canonicidade foi definida seguindo alguns fatores básicos tais como:

- A inspiração de Deus;
- O reconhecimento por parte do povo judaico;
- A preservação e coleção destes escritos.

A inspiração é o primeiro passo para um livro ser considerado canônico. Deus inspirou e o Espírito Santo auxiliou no segundo processo que é o do reconhecimento.

Sendo que tais livros eram inspirados, eles deveriam contar uma autoridade singular que o diferenciasse de outros livros de cunho religioso. Alguns critérios foram usados para que isso acontecesse:

- O livro deveria ter sido escrito por um servo de Deus ou profeta;
- O livro deveria trazer o selo da autoridade de Deus como um “assim diz o Senhor”;
- O livro deveria trazer o poder de Deus para transformação de vida.
- O livro deveria trazer e inspirar confiança, isto é, não poderia haver erros ou heresias que contradissem outros escritos sagrados considerados canônicos;

Após o Espírito Santo ter guiado o povo judaico ao reconhecimento destes livros, Ele os levou também a preservar e, por fim, coletar tais escritos reunindo-os para formar o que chamamos de Antigo Testamento. Se existem apenas 39 livros no Antigo Testamento é porque Deus quis que somente estes livros fossem preservados para guiar o seu povo. A canonização é fruto não da vontade do homem, mas da direção e vontade sobrenaturais de Deus em reunir em forma material toda a sua Palavra dada através dos tempos à humanidade.

5.1. A Importância dos Rolos do Mar Morto

Geralmente uma objeção que freqüentemente é levantada por céticos, tanto leigos como eruditos é a seguinte: como podemos ter certeza de que o Antigo Testamento de nossas Bíblias modernas contém o mesmo texto do documento original? Quem garante que não houve acréscimos, interpolações ou cortes intencionais durante todos estes séculos? Esses questionamentos eram possíveis, mas não verificáveis até a primeira metade do século XX. Contudo, no verão de 1947 um acaso levou à descoberta dos mais antigos manuscritos até hoje existentes. Estes documentos receberam o nome de “Manuscritos do Mar Morto”, pois foram encontrados numa caverna na costa norte do Mar Morto. Segundo o arqueólogo G. Lankester Harding, que trabalhou nas pesquisas das cavernas e descobriu 38 rolos de 19 livros do Antigo Testamento, este é “o acontecimento arqueológico mais sensacional do nosso tempo...”. Até então, diz Josh Macdowell, “O mais antigo manuscrito com o texto hebraico completo que possuímos fora preparado em 900 A.D. ou depois”. Mas, com as pesquisas, os peritos descobriram um rolo do livro do profeta Isaías de 125 a.C. O impressionante de tudo isso, diz Mcdowell, “...está em que o rolo de Isaías (125 a.C) corresponde exatamente ao texto massorético [Codex Petropolitanus] de Isaías (916 A.D.), preparado 1.000 anos depois.” E conclui, “Isso demonstra a fidelidade e exatidão incomuns dos copistas pelo período de mil anos”

É incrível que uma cópia de apenas um século depois da composição do original, reflita fielmente o mesmo conteúdo em 95% do livro durante 2.000 anos! Por isso, o renomado arqueólogo Sir Frederic Kenyon não hesitou em dizer que “o cristão pode apanhar a Bíblia toda na mão e dizer, sem receio ou hesitação, que está segurando a verdadeira Palavra de Deus”.

Isso não significa que tais textos estão isentos de discrepâncias. Há sim, mas são tão diminutas que não têm significância alguma sobre o conteúdo. Algumas delas são questões de ortografia e estilo que não alteram em nada a doutrina do livro. Estes manuscritos refletem a seriedade profissional dos escribas ao exercer seu trabalho de transcrição.

5.2. O Trabalho dos Copistas

Eis algumas diretrizes que os copistas seguiam ao lidar com os manuscritos:

Por exemplo, os Talmudistas (100-500 d.C), eram minuciosos na confecção das peles de animais que iriam servir de rolo dos livros sagrados. Os animais tinham de ser animais limpos, as medidas da coluna eram exatas e até a cor da tinta era escrupulosamente separada. Até mesmo exigiam-se roupas especiais para quando fossem fazer o trabalho. O cuidado era tal que os rolos que não eram feitos nessas condições eram queimados ou enterrados.

Os Massoretas (500-900 d.C.), não menos disciplinados, tratavam o texto com a mais dedicada reverência que se possa imaginar. Por exemplo, eles contavam o número de vezes que cada letra do alfabeto aparecia em cada livro. Faziam isso por medo de perder mesmo que fosse uma só letra do texto original copiado e assim ter omitido ou acrescentado algo à Palavra de Deus caindo assim na condenação divina (Dt 4.2; 12.32).

O historiador judeu Flávio Josefo, em sua obra "História dos Hebreus", fazendo uma apologia aos escritos veterotestamentários, ressalta essa reverência com que os Escritos Sagrados eram tidos pelo seu povo e em seguida levanta o seguinte desafio aos gregos: "Qual grego suportaria tanto pela mesma causa? Mesmo para salvar da destruição toda coleção de escritos de sua nação..." Portanto, podemos repousar na confiança de que nossas traduções modernas refletem o mesmo texto dos originais. Isso só foi possível devido a um árduo e persistente trabalho de arqueologia.

6 - A ARQUEOLOGIA E A BÍBLIA

Arqueologia, do grego *archaiologia*, é o estudo científico do passado da humanidade, mediante os testemunhos materiais que dele subsistem. O conjunto das técnicas de pesquisa e da interpretação do que resulta da arqueologia.

Sem dúvida, a arqueologia é uma das ferramentas indispensáveis para reconstruirmos a história dos povos antigos. Ela se presta muito bem a este propósito, trazendo à tona o real contexto social, econômico e religioso de civilizações alienadas pelo tempo. Somente através das escavações é que se consegue devolvê-las ao nosso mundo e assim compreendermos um pouco do presente por observar o passado de nossos ancestrais.

Embora modernamente compreenda um campo mais vasto, todavia, essa disciplina esteve ligada à Bíblia desde o começo. As primeiras expedições de alto custo foram feitas por pessoas cujo principal interesse era a Bíblia. Tanto é que não demorou muito para tomar o cunho de "arqueologia bíblica". A nossa abordagem tentará mostrar a importância da arqueologia em prol da apologética veterotestamentária como também delinear seus limites.

6.1. A Importância da Arqueologia Bíblica

A arqueologia bíblica serve para confirmar eventos históricos descritos nas páginas sagradas, lançar novas luzes no significado de textos por vezes obscuros daquela época, e esclarecer o contexto em que viviam aqueles povos, tornando-se um complemento ao testemunho da Bíblia. Ela é uma ótima ferramenta na apologética. A seguir, citaremos alguns depoimentos de renomadas autoridades no assunto quanto à relação entre a arqueologia e a Bíblia.

O professor W. F. Albright, uma autoridade no assunto, faz a seguinte observação sobre a arqueologia bíblica: "Os dados do Pentateuco são, em geral, muito mais antigos do que a época em que foram finalmente compilados; novas descobertas continuam a confirmar a precisão histórica ou a antiguidade do texto em um detalhe após outro [...] Dessa maneira, é uma atitude exageradamente crítica negar o caráter substancialmente mosaico da tradição do Pentateuco".

Sir Frederic Kenyon diz: "Portanto, é legítimo afirmar que, em relação àquela parte do Antigo Testamento contra a qual diretamente se voltou à crítica destruidora da segunda metade do século XIX, as provas arqueológicas têm restabelecido a autoridade do Antigo Testamento e, mais, têm aumentado o seu valor ao torná-lo mais inteligível através de um conhecimento mais completo de seu contexto e ambiente. A arqueologia ainda não se pronunciou definitivamente a respeito, mas os resultados já alcançados confirmam aquilo que a fé sugere, que a Bíblia só tem a ganhar com o aprofundar do conhecimento".

Nelson Glueck, o renomado arqueólogo judeu, escreveu: "Pode-se afirmar categoricamente que até hoje nenhuma descoberta arqueológica contradisse qualquer informação dada pela Bíblia". E prossegue comentando a "incrível fidelidade da memória histórica da Bíblia, especialmente quando corroborada pelas descobertas arqueológicas".

Merril Unger faz um resumo: "A arqueologia do Antigo Testamento tem redescoberto nações inteiras, tem ressurgido povos importantes e, de um modo bem surpreendente, tem preenchido vazios históricos, aumentando imensuravelmente o conhecimento do contexto histórico, social e cultural da Bíblia".

Millar Burrows, da Universidade de Yale (nos Estados Unidos), comenta: "Em muitos casos a arqueologia tem refutado as opiniões de críticos modernos. Ela tem demonstrado em vários casos que essas opiniões repousam sobre pressuposições falsas e esquemas irreais e artificiais de desenvolvimento da história. Essa é uma contribuição real, que não deve ser minimizada".

Contudo o Dr. Paulo Bork, que fez cursos em várias universidades, como a Pacific School of Religion, da Califórnia, a Universidade Hebraica de Jerusalém e a Universidade de Londres (Inglaterra), e que participou de diversas pesquisas e expedições arqueológicas ao redor do mundo, faz uma advertência ao afirmar que "sempre existirão aqueles que não crêem na Bíblia e a criticam. Muitos deles não vão mudar sua forma de pensar, independentemente das evidências arqueológicas. Por outro lado, temos descoberto tantas evidências que iluminam a parte histórica da Bíblia e isso tem tornado muitos céticos em crentes".

Os céticos mencionados por Bork podem muito bem se enquadrar numa nova geração de arqueólogos que estão comprometidos com as teorias da alta crítica destrutiva. E, por incrível que pareça, dentro dessa escola de pensamento estão tanto arqueólogos judeus como "cristãos".

6.2. Os Limites da Arqueologia

Entretanto, quem pensa que a arqueologia pode refutar ou confirmar a Bíblia, está completamente enganado. Definitivamente não é este seu intento: provar que a Bíblia é a Palavra de Deus. Tudo que ela pode fazer é confirmar a historicidade básica e a autenticidade das narrativas. Ela contribui positivamente em relação à Bíblia não na área da inspiração e revelação, mas na questão da autenticidade histórica dos eventos narrados, ou seja, a arqueologia mostra que os fatos descritos na Bíblia não são contos míticos, mas fatos historicamente comprovados e verificáveis.

Diz o arqueólogo cristão Dr. J. Randall Price: "Muitas pessoas têm a idéia de que a arqueologia pode comprovar a Bíblia. Até certo ponto isso é verdade. A arqueologia pode ajudar a verificar certos eventos históricos que aconteceram no passado, mas ela só pode ir até onde aquela descoberta talvez possa demonstrar a verdade de algum evento histórico, mas certamente não pode verificar o miraculoso".

Isto é verdade porque os acontecimentos miraculosos não são verificáveis em testes de laboratórios ou de escavações. Os milagres fogem à verificação pelo método estritamente científico. Nesse aspecto, a arqueologia possui seus limites. No geral, entretanto, a arqueologia tem servido propositadamente à elevação da Bíblia como um documento histórico de alta confiabilidade.

Não obstante, devemos ressaltar que não é possível confirmar cada incidente descrito na Bíblia devido a vários fatores. O dr. Randall Price citando o professor Yamauchi nos dá alguns deles:

- Somente uma fração do que é fabricado ou escrito sobrevive;
- Somente uma fração dos sítios arqueológicos disponíveis foi pesquisada;
- Somente uma fração dos sítios pesquisados foi escavada;
- Somente uma fração de um sítio é examinada;
- Somente uma fração do material encontrado chega ao conhecimento do público.

Outrossim, devemos levar em consideração o fato de que muitos arqueólogos divergem entre si quanto às suas interpretações, por isso não é de admirar que alguns deles não concordem com a Bíblia.

O dr. Price alerta que “As areias movediças da erudição concernentes à Bíblia em relação à arqueologia dizem respeito à interpretação dos dados arqueológicos e não aos dados em si. Por isso uma geração alega que os dados arqueológicos pesam conclusivamente a favor da Bíblia, enquanto que a próxima [afirma] que os mesmos dados são...contraditórios.”

Quanto a isso, Geisler comenta que as “evidências arqueológicas dependem do contexto de data, lugar, materiais e estilo. Como isso é interpretado depende das pressuposições do intérprete”.

Por fim, não podemos incorrer na idéia afoita de que todas as teorias dos críticos têm sido derrubadas pelas descobertas arqueológicas. Mas por outro lado, não podemos ignorar que as descobertas têm jogado mais luz em muitas passagens que foram outrora descartadas como não-históricas ou contraditórias pelos críticos. Elas têm sobejamente mostrado que muitos princípios da crítica radical têm sido invalidados pelas escavações no Médio Oriente.

Ficamos com a oportuna opinião de Henry Morris em sua obra *The Bible and Modern Science* (A Bíblia e a Ciência Moderna) quando coloca as coisas na sua real perspectiva ao afirmar: “É claro que ainda existem problemas para uma completa harmonização do material arqueológico com a Bíblia, mas nenhum é tão sério a ponto de não ter a perspectiva concreta de uma solução iminente mediante investigações mais aprofundadas”.

7 - PESSOA, CIDADES E POVOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Vimos no início desta disciplina que muitas são as objeções que se levantam contra a veracidade da Bíblia. As quais estão fincadas no naturalismo e no ceticismo dos pressupostos da crítica negativa. O pecador precisa eliminar a credibilidade na Bíblia, pois assim ele se sente à vontade para prosseguir em sua vida desregrada. Como tais pessoas não conseguem lograr êxito destruindo-a por fora, tentam destruí-la por dentro. Um dos modos que os inimigos da Bíblia usam é criar heresias para deturpar-lhe a mensagem dando a ela uma nova interpretação fora do propósito para o qual foi destinada, como fazem os espíritas, os adeptos do movimento Nova Era, os Mórmons, Testemunhas de Jeová etc... Quando não, o lado mais intelectual, filosófico e científico é explorado colocando em dúvida sua confiabilidade. Mas cabe aqui novamente a pergunta: merece crédito o Antigo Testamento?

Será que a Bíblia pode resistir aos ataques que constantemente os críticos lançam contra ela? Nos próximos tópicos, adentraremos à apologética propriamente dita. Lançaremos mão de várias descobertas científicas, principalmente arqueológicas, como meio de refutação às críticas levantadas contra a historicidade do Antigo Testamento.

7.1. Pessoas

Por muito tempo, vários episódios descritos na Bíblia foram considerados não históricos. Contudo, descobertas após descobertas foram confirmando fatos bíblicos que outrora eram considerados apenas lenda. Daremos um pequeno resumo a seguir:

Muitas personagens bíblicas foram tidas como não históricas, mas, recentemente, as descobertas têm mostrado que eram pessoas reais como bem descreve a Bíblia. Eis algumas:

- Sargão: o arqueólogo francês Paul-Émile Botta em 1843 fez escavações em Cursabad e encontrou vestígios do “lendário” Sargão.
- Belsazar: Tempos atrás, o nome de Belsazar foi tido como lenda. Contudo, no século XIX descobriram-se alguns cilindros com inscrições cuneiformes. Os escritos mencionavam uma certa oração ao filho de Nabonido cujo nome era Belsazar. Também havia a discrepância de que a Bíblia mencionava-o como rei, enquanto as

inscrições o chamavam de filho de Nabonido, sendo ele na verdade um príncipe. Mas novas inscrições encontradas em escavações relatam a estreita união entre Belsazar e Nabonido na regência do reino. Também o nome rei podia ser dado mesmo a um regente abaixo do rei oficial. Escavações arqueológicas feitas na Síria descobriram uma estátua de um governante com duas inscrições em línguas diferentes, uma delas mencionava-o como governador; a outra, como rei.

- Joaquim: Importantes inscrições babilônicas mencionam uma lista de rações dadas a um certo "Yaukin (Joaquim), rei de Judá".
- Davi: A existência do rei Davi era considerada como lenda até 1993 quando foi descoberta uma pedra de basalto contendo a inscrição "Casa de Davi". Provando assim que se há uma casa (dinastia) de Davi, houve de fato um personagem real histórico que lhe deu origem.
- Balaão: Em Deir Alá, localizado no vale do Jordão, foi descoberta uma inscrição aramaica de meados do século VIII, mencionando o vidente Balaão.

7.2. Cidades

Muitas cidades que outrora eram conhecidas apenas nos relatos bíblicos foram desenterradas por escavações arqueológicas. Eis algumas delas:

- Cidades antediluvianas: Eridu, Obeide, Ereque, Susa, Tepe Gawra, Sipar e Larsa; todas estas foram desenterradas com utensílios da época ainda intactos, com isso muito dos costumes daqueles povos primitivos foram expostos ao conhecimento moderno.
- Ur dos caldeus (Gn 11.31): O arqueólogo Sir Charles Leonard Woolley descobriu Ur dos caldeus no começo do século XX.
- Cidades bíblicas como Faleg e Sarug, Nacor, Tare e Harã foram mencionadas em textos cuneiformes encontrados em Mari, uma antiga cidade do século XIX a.C. Pelos arquivos do palácio de Mari, as cidades de Harã e Nacor eram cidades florescentes em 1.900 a.C.
- Siquém (Gn 33.18): "Escavações foram empenhadas em Siquém, primeiramente pelas expedições austríaco-alemãs em 1913 e 1914; posteriormente no período de 1926 a 1934, sob a responsabilidade de vários arqueólogos; e, por fim, por uma expedição americana no período de 1956 a 1972 [...] A escavação na área sagrada revelou uma fortaleza na qual havia um santuário e um templo dedicado a El-berith, 'o deus da convenção'. Este templo foi destruído por Abimeleque, filho do juiz Gideão (V.Jz 9) e nos proporcionou uma data confiável acerca do 'período teocrático'. Recentemente, nas proximidades do monte Ebal (V. Dt 27.13), foi encontrada uma estrutura que sugere identificar um altar israelita. Datado do século XII ou XIII a.C., o altar pode ser considerado como contemporâneo de Josué, indicando a possibilidade de o altar ter sido construído pelo próprio líder hebreu, conforme é descrito em Deuteronômio 27 e 28".
- Arade (Nm 21.1): "Escavações realizadas por Y. Aharoni e R. B. K. Amiran no período de 1962 a 1974 comprovaram a existência de Arade — 30 km ao nordeste de Berseba". "O local consiste de um pequeno monte superior ou acrópole, onde as escavações revelaram ser a cidade da Idade do Ferro".
- Susã (Et 1.2): "Escavações conduzidas por Marcel Dieulafoy no período de 1884 a 1886 comprovaram a existência da cidade de Susã".
- Nínive (Gn 10.11): Em 1845, um explorador inglês A H Layard descobriu Nemrod, que na Bíblia se chama Cale.
- Betel (Gn 12.8): "W. F. Albright fez uma escavação de ensaio em Betel em 1927 e posteriormente empenhou uma escavação oficial em 1934. Seu assistente, J. L. Kelso, continuou as escavações em 1954, 1957 e 1960".

- Cades-Barnéia (Dt 1.19): Esta antiga cidade bíblica tem sido identificada com Ain Kadees, um oásis.

7.3. Povos

Hititas: Duvidava-se da existência deste povo até uma escavação feita em 1905 que descobriu uma enorme quantidade de inscrições cuneiformes. A tradução mencionava um povo cuja Bíblia chamava de filhos de het. Os escombros das cidades hititas foram expostos ao mundo novamente.

7.4. Outras descobertas

Muitos lugares e acontecimentos descritos na Bíblia que outrora foram postos sob suspeita, podem agora, graças às recentes pesquisas na terra santa, serem verificados. Alguns exemplos:

Até hoje existe a fonte chamada na Bíblia de Mara (Amarga). É sabido que naquela região os nômades atestam a existência de fontes de águas salobras como registram as fontes bíblicas. Até hoje os beduínos conseguem tirar água da rocha como fez Moisés devido a um fenômeno natural daquela região. O Dr. Halley cita um interessante comentário de Cobern em Recent Explorations in Palestine (Explorações Recentes na Palestina) sobre o episódio de Números 20.8-12. Diz ele que no lugar da antiga Cades, existe até hoje ao lado de duas fontes que jorram água viva uma fonte extinta: “Cobern pensa que Moisés feriu a rocha acima da fonte extinta [...] e estas duas fontes brotaram...”.

O mistério da sarça ardente que tanto intrigou crentes e céticos, agora encontra sua explicação numa combustão de gases de certas plantas típicas da região que parecem produzir o mesmo fenômeno bíblico.

O maná mencionado de ponta a ponta na Bíblia, ainda hoje pode ser colhido na região do Sinai. Consiste, segundo a opinião de vários pesquisadores, em uma secreção da tamargueira do tamanho do coentro e de cor branca com gosto de mel, como de fato descreve a Bíblia.

O episódio das codornizes também pode ser considerado algo natural e não raro. Devido ao cansaço por causa das longas jornadas em suas migrações, elas literalmente se deixam cair nas planícies da costa para recobrar forças. Permitindo assim serem apanhadas tão facilmente, como fizeram os israelitas a milhares de anos atrás.

A existência de uvas enormes mencionadas em Números 13.23,24 não é de todo inverossímil como muitos pensam. Até hoje aquela região é rica em vinhas.

A façanha de Jonas na boca de um grande peixe, considerada por muitos como prova real de lendas na Bíblia, já foi constatada no século XX, quando um marinheiro foi engolido por uma baleia e encontrado depois de muitos dias vivo, porém ferido.

Também temos testemunhos escritos antiqüíssimos do templo de Marduque que atestam a narrativa bíblica sobre a longevidade de muitos reis da época do dilúvio. Além disso, povos como babilônicos, persas, hindus, egípcios, gregos e outros tiveram tradições semelhantes a essa.

8 - RESPOSTA ÀS OBJEÇÕES DOS CRÍTICOS AO ANTIGO TESTAMENTO

8.1. Autoria do Pentateuco

Os críticos alegam que Moisés não foi o autor do Pentateuco. Contudo, essa alegação não é tão nova como muitos pensam, de fato ela é antiga, antecedendo mesmo à origem da própria alta crítica moderna, aparecendo em algumas seitas do século II d.C. Mas ganhou notoriedade com as teorias das fontes JEDS. Seus defensores acreditam que vários autores

independentes escreveram os cinco primeiros livros da Bíblia. As principais razões apresentadas são:

- Os diferentes nomes divinos;
- Repetições de narrativas;
- Estilo diferente;
- A narrativa da morte de Moisés;
- O texto narrado em terceira pessoa;
- A questão da escrita.

A. Resposta Apologética. Os diferentes nomes divinos. A resposta a este argumento não é tão difícil assim. A explicação mais convincente é que os nomes divinos refletiam mais o caráter de Deus do que o gosto particular dos supostos redatores (das fontes) por tais nomes. Por exemplo, quando aparece o nome Elohíim em dado versículo, geralmente refere-se à idéia abstrata de Deus. É o nome para representar o Deus que a humanidade conhece. Já Yahweh reflete o Deus do pacto, referindo-se ao relacionamento de Deus particularmente com o homem num conceito israelita. Também a questão da junção dos nomes divinos, Yahweh-Elohíim, não significa que duas fontes diferentes se uniram para formar este nome. Essa tese labora em erro pelo fato de as divindades pagãs do antigo oriente usarem também nomes duplos, por exemplo, Amon-Rá. Mas nenhum estudioso tentaria inventar duas fontes diferentes para explicar esse fenômeno lingüístico baseado nesta suposta fusão de dois nomes egípcios.

Repetição de narrativa. Os críticos sugerem que narrativas duplas no livro do Gênesis são por vezes contraditórias, isto seria prova convincente de que houve mais de um autor para o livro. Mas narrativas duplas não quer dizer versões diferentes e muito menos que elas refletem reais contradições. Por exemplo, a dupla narrativa da criação em Gênesis 1 e 2, mostra que a primeira é uma menção geral da criação; enquanto que a segunda concentra-se em detalhar a criação especial do primeiro casal. Não há contradições nas narrativas duplas. Muitos textos no oriente próximo mostram este mesmo tipo de repetição, mas os críticos não se atrevem a dar-lhes diferentes autores para cada um deles. Alguns estudiosos acreditam que narrativas repetidas podem ser apenas um peculiar estilo literário oriental para reafirmar verdades importantes.

Estilo diferente. Quanto a mudanças de estilos, muitas vezes elas refletem apenas mudanças de assunto e não precisam ser necessariamente indício de diversas fontes. Dependendo do contexto, um mesmo autor pode escrever em diferentes estilos. Não era raro acontecer o mesmo em literatura antiga e até mesmo na moderna, A Divina Comédia, de Dante, é um ótimo exemplo disso.

A narrativa da morte de Moisés. Outro ponto a esclarecer é sobre a morte de Moisés. Concordamos que realmente houve enxertos literários por terceiros na narrativa do último capítulo de Deuteronômio. Não há de supor que Moisés narrou sua própria morte, isso não é preciso e nem necessário para defendermos a autoria mosaica do livro. Por outro lado, isto não significa que todo o documento tenha sido escrito por outros. Gleason Archer nos dá um exemplo moderno disso citando a obra de um grande escritor, na qual foi introduzido um obituário de um outro escritor. Contudo, ninguém ousou fazer objeções quanto à autoria única da obra.

Texto narrado em terceira pessoa. A questão de um texto ser narrado em terceira pessoa também encontra paralelo, na literatura antiga e até moderna. Não raro escritores como Flávio Josefo (Guerras dos judeus), Julio César (Guerra Gálica) e outros escreveram na terceira pessoa. Também não podemos descartar a idéia de Moisés ter ditado o texto a um escrevente.

A questão da escrita. Finalmente, os críticos acreditavam que na época de Moisés ninguém sabia escrever. Mas esta teoria caiu por terra quando foram desenterradas algumas tabuinhas de pedra com misteriosas escritas que lembravam os hieróglifos egípcios. Decifradas estas escritas levaram à conclusão de que eram de procedência de trabalhadores cananeus das minas do Faraó. Eles já possuíam uma escrita por volta de

1500 a.C. Com isso, conclui o escritor Keller: "Desde então sabemos que já a trezentos anos antes de Moisés haver conduzido por ali o povo tirado do Egito, havia homens de Canaã que sabiam 'escrever', em sua linguagem intimamente aparentada com a de Israel". Além disso, novas descobertas colocaram em relevo o fato de que, mesmo antes de Abraão, já existia a escrita. Em 1923, o arqueólogo Wooley encontrou inscrições em um templo em Obeide, a 6 km de Ur. A inscrição dizia: "Anipada, rei de Ur, filho de Messanipada, construiu este templo para sua senhora Nin-Kharsag". Este foi considerado o documento mais antigo do mundo. Assim, fica provado que a escrita era comum na palestina e que Moisés poderia perfeitamente ter escrito o Pentateuco, pois segundo o relato bíblico, ele foi "educado em toda a ciência dos egípcios" e, segundo dizem os estudiosos, isto incluía a arte da escrita.

8.2. Compilação ou Revelação?

Como pode Moisés saber de toda a história de Gênesis se tais fatos aconteceram milênios antes dele nascer?

A. Resposta Apologética. Esse é um questionamento razoável de se fazer devido às implicações dele advindas. Nem mesmo os crentes estão isentos. Todavia, a resposta a ele não é tão embaraçosa como parece. Moisés poderia ter tido uma revelação especial de Deus: tudo leva a crer que os relatos da criação do céu e da terra foram revelações especiais de Deus, pois não havia uma testemunha humana presente nesta época. Entretanto, os acontecimentos em pós-criação, não precisam necessariamente ter sido frutos de uma revelação especial. Muitos acreditam que na época de Noé já existia a escrita como parecem sugerir alguns documentos cuneiformes, referindo-se a livros antediluvianos. Também alguns acreditam, baseando-se em tradições judaicas, que na época de Enoque havia escrita, já que uma antiga tradição menciona livros escritos por ele. Seja como for, não é errado supormos que Moisés, inspirado por Deus, compilou vários relatos bíblicos de seus ancestrais, passados oralmente ou escritos através dos séculos e os reuniu em uma só obra.

8.3. A Data do Pentateuco

Os críticos afirmam que o Pentateuco teria sido manipulado no século VII a.C. pelos escribas da corte do rei Josias e não escrito no século XV a.C. Segundo essa teoria, Josias teria mandado compilar várias lendas de personagens isolados como Abraão, Moisés e Josué costurando tudo em um só texto formando o Pentateuco, ou melhor, um hexateuco da Bíblia e inserido neles a história do Êxodo com o fito de encorajar os israelitas a lutar contra os egípcios.

A. Resposta Apologética. Esse argumento é mirabolante e carece de respaldo histórico. Vejamos porque:

O arqueólogo Dr. Price conta que, "Grabriel Barkay descobriu em 1979, numa tumba do vale de Hinom, em Jerusalém, pequenos rolos de prata contendo um texto do Pentateuco – a bênção de Arão (Nm 6.24-26), datado de antes do exílio de Judá. O achado criou um problema para os eruditos que defendiam a autoria do Pentateuco como sendo de sacerdotes de época posterior ao exílio. Como resultado, suas teorias deverão ser abandonadas".

Ainda nos informa o historiador Jaguaribe: "O mais antigo documento escrito da Torah, o chamado Documento J, data do século X a.C. A Torah, ou Pentateuco, contém cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio...".

Se há documentos do Pentateuco com datas anteriores ao século VII a.C., a pergunta é óbvia: Como então os sacerdotes judaicos teriam criado e manipulado algo que já existia?

É importante também levarmos em conta o respeito que os sacerdotes e escribas tinham pela Torá e sua mensagem. Desrespeitar as ordenanças de Deus seria trazer sobre si maldição de morte: "Porém o profeta que tiver a presunção de falar alguma palavra em meu nome, que eu não lhe tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá." (Dt 18.20).

Será que os zelosos sacerdotes e escribas, conhecendo a maldição aos que inventassem palavras que Deus não havia dito, teriam ainda assim coragem de acrescentar algo à mensagem divina? Presumir dessa maneira é, sem dúvida, desconhecer a cultura dos tempos bíblicos e desprezar a dedicação de um povo que preserva sua religião e fé até hoje!

Após ter sustentado esse ponto de vista negativo já mencionado, um crítico, especialista em interpretação arqueológica admitiu: "Ainda há debates intensos sobre muitos dos temas [...] Muitas de nossas idéias são altamente controversas e certamente não compartilhada por todos".

8.4. A Criação

Alega-se por vezes que as narrativas de Gênesis não passam de um refinamento de lendas de povos pagãos.

A. Resposta Apologética. É verdade que os primeiros relatos de Gênesis sobre a criação, um jardim paradisíaco, a queda do homem, a árvore da vida, o dilúvio, a arca de Noé e a dispersão das raças têm encontrado paralelos em vários documentos extrabíblicos. A queda do primeiro casal é relatada em documentos da Pérsia, Babilônia, Índia, Grécia, China etc... Os detalhes incrementados com cores politeístas dão o toque diferencial entre estes e o documento mosaico. No entanto, de modo geral, a mensagem central transmitida é sempre a mesma: o primeiro casal era livre, andavam nus, mas em dado momento ofenderam os deuses e caíram no desfavor destes. Dois antigos sinetes babilônicos mostram a figura de um homem e uma mulher nus seguidos por uma serpente.

Apesar de documentos como Enuma Elish, e os épicos de Atrahasis e Gilgamesh mostrarem um paralelo incrível com Gênesis, no entanto, não podemos ver nisso nada mais que distorções de eventos reais. Não há de supor que os eventos descritos em Gênesis são apenas plágios refinados ao gosto mosaico destes documentos. Aliás, alguns estudiosos, ao analisarem tais documentos, viram que existem mais diferenças que similaridades. "No Oriente Médio antigo, a regra é que relatos ou tradições simples dão lugar (por acréscimo ou adorno) a lendas elaboradas, mas não o inverso", diz Geisler. Merryl Unger explica que "suas semelhanças se devem a uma mesma herança, onde cada raça de homens manteve, de geração em geração, os históricos orais e escritos da história primeva da raça humana".

Também a incrível precisão científica do livro atesta contra todas essas alegações. Como explicar que, no geral, Gênesis se enquadra fielmente na ordem que a moderna ciência dá aos eventos da criação? Ademais, veja como as evidências científicas apóiam a teoria da criação em detrimento da evolução:

CRIAÇÃO	EVOLUÇÃO	EVIDÊNCIAS
O universo teve um princípio	O universo é eterno	O universo teve um princípio
Diz que depois da queda o mundo está tendendo para a degradação	Diz que o mundo tende para a evolução e ordem	A segunda lei da termodinâmica diz que tudo tende a ir para o caos e para a desordem
A vida procedeu de um ser vivo (Deus)	A vida surgiu por uma geração espontânea (acaso)	A vida só procede de vida anterior (teoria de Pasteur)
O Universo é finito	O Universo é eterno (tese sustentada por muitos evolucionistas)	O universo (segundo teorias recentes) terá um fim
Ensina que a linguagem e a arte surgem repentinas na civilização	Ensina que a linguagem e a arte surgem gradualmente na civilização	A arqueologia e a antropologia revelam o surgimento repentino das mesmas
Salto nos fósseis, espécies	Origem gradual e fósseis de	A arqueologia e a

completas sem elos	vários elos de uma espécie à outra	antropologia revelam o surgimento repentino das mesmas
--------------------	------------------------------------	--

Diante disso, é quase impossível aceitar que narrativas pagãs mostrando o surgimento do universo através de corpos de deuses iracundos, vingativos e imorais numa saga selvagem, possam ser as fontes das quais Moisés tirou o Gênesis. Outro ponto a salientar é que tais narrativas politeístas chocam-se grandemente com o monoteísmo extremo dos antigos hebreus.

FATOS BÍBLICOS	REFERÊNCIA
A esferecidade da Terra	(Is 40.21.22)
O número incalculável e incontável de estrelas	(Gn 15.5; Jr 33.22)
As ondas hertzianas, o veículo difusor das radiotransmissões	(Jó 38.35)
A temperatura elevada da terra em seu interior	(Jó 28.5)
As montanhas existentes nos fundos dos mares	(Jn 2.6; Sl 104.6-8)
O suporte gravitacional da terra	(Jó 26.7; Is 40.22)
A expansão vazia nos céus	(Jó 26.7)
O movimento sistemático do sol	(Sl 19.6)
O universo envelhecendo	(Sl 102.25-27)
O frio vem do norte	(Jó 37.9)
O ar tem peso	(Jó 28.25)
A luz possui caminho e não morada permanente	(Jó 38.19)
Os elementos físicos do cosmo são mais antigos do que os biológicos	(Gn 1.1,24)
O vento vem do sul	(Ec 1.6)
O ciclo dos rios e da chuva	(Ec 1.7)
Isolamento de doentes	(Lv 13.46-52)
Lei de saneamento contra doenças	(Dt 23.12,13)
Nossa atitude mental afeta nosso corpo	(Pv 14.30)
As cobras não são surdas	(Sl 58.4-6)
Coelhos são ruminantes	(Lv 11.5; Dt 14.7)

8.5. O Dilúvio

Os críticos dizem que o dilúvio é apenas um plágio de antigas lendas pré-históricas. Quando não, é apenas a recordação de um cataclisma que ocorreu há milhares de anos antes de Noé.

A. Resposta Apologética. Antigamente, era objetado que o dilúvio bíblico era algo fictício. Todavia, com a descoberta do Épico de Atrahasis e Gilgamesh que relatavam antigas histórias de um dilúvio, o pêndulo dos céticos oscilaram para outro lado: o de insinuar que o dilúvio bíblico, a exemplo da criação, fora um plágio destas narrativas. Seja como for, fora estes dois relatos, encontramos ainda vestígios de um dilúvio nas literaturas de vários povos do mundo, tais como os gregos, hindus, chineses, mexicanos, algonquinos, havaianos, sumerianos, guatemaltecos, australianos e muitos outros povos ao redor do mundo.

Escavações levadas a cabo pelo arqueólogo Woolley, encontraram a colina de Ur e descobriram camadas de limo acima do nível do rio. O mar havia depositado restos de pequenos animais marinhos naquele lugar: "Ao pé da velha torre escalonada dos sumérios, em Ur, no baixo Eufrates, podia-se descer por uma escada ao fundo dum estreito poço e ver e apalpar os restos de uma imensa inundação – uma camada de limo de quase três metros de espessura. E pela idade das camadas que indicavam estabelecimentos humanos e nas quais se podia ler o tempo como calendário, podia-se também determinar quando tivera lugar essa inundação. Ocorreu pelo ano 4.000 a.C.!". Outras escavações foram feitas em Quis, cidade próxima à Babilônia, assim como em Fará e Nínive, e em todas elas constavam vestígios de uma inundação repentina.

Tirando os detalhes fictícios, o épico Gilgamesh narra de forma incrível como se deu este dilúvio. Até mesmo a situação geográfica da tempestade e seus fenômenos meteorológicos. Segundo a narração, tudo indica que ocorreu um gigantesco ciclone que culminou no dilúvio. Fenômenos naturais em escala menor ainda são vistos em muitas ilhas como na Baía de Bengala que, em 1876, adentrou 141 milhas na terra com ondas de até 15 metros de altura matando centenas de pessoas.

Outro fato interessante é que o principal veículo de escape de Noé (a arca) é associado intimamente com o dilúvio por tais documentos extrabíblicos. Os documentos babilônicos falam dele como um barco em que um homem escapou da terrível catástrofe. Este barco teria aterrado em um monte.

Além disso, há surpreendentes relatos sobre a arca ter sido vista nas geleiras do Monte Ararat por várias pessoas de diferentes países durante os dois últimos séculos. O primeiro a relatar ter visto a arca presa nas geleiras do Ararat foi um pastor de ovelhas de Bayzit na Armênia. Depois, uma expedição em 1833 confirmaria o relato deste pastor. Em 1892 o arcebispo de Jerusalém, Dr. Nouri, teria visto a arca e neste ano empreendeu uma expedição ao Monte Ararat para pesquisá-la. Durante a primeira e segunda guerra mundial, várias pessoas também afirmaram terem visto a arca. Com isso, o Czar Nicolau II mandou uma expedição ao Monte onde tiraram fotos da arca. Mas com o golpe dos comunistas no poder, essas fotos desapareceram para sempre. Não obstante, outras expedições depois destas foram levadas a cabo, mas sem sucesso, não encontraram nenhum vestígio da arca.

Além da incrível descoberta do Dr. Woolley confirmar o dilúvio, temos ainda a confirmação deste evento pela boca de ninguém menos que Jesus, que o comparou com a sua segunda vinda: "E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem." (Mt 24.37-39). Veja que Jesus admitiu o dilúvio. "É bem provável que todas elas reflitam a mesma catástrofe universal. Mas esse tão formidável acontecimento deve ter ocorrido num tempo em que já havia seres pensantes que o presenciaram e lhe sobreviveram, podendo transmitir as notícias às gerações futuras".

Sendo assim, aqueles que identificam o dilúvio com a última grande modificação acontecida ao fim da Era Glacial, em 7.500 a 10.000 a.C colocam o início da humanidade em tempos bem mais recuados. Segundo esta teoria, o derretimento do gelo represado no Mar Negro causou um súbito e violento vazamento de água, submergindo as terras férteis da Europa Central. Teoria proposta pelos oceanógrafos William Ryan e Walter Pitman, da Universidade Columbia.

8.6. A Torre de Babel

A torre de Babel e a confusão das línguas são até hoje consideradas lendas pelos críticos.

A. Resposta Apologética. Sir Henry Rawlinson encontrou perto da Babilônia uma inscrição num cilindro contendo a narrativa sobre a torre de Babel. Outro estudioso, G. Smith, encontrou uma placa antiga que mencionava não só a construção da torre, como sua destruição e a dispersão das tribos. A tradicional torre é identificada pelas ruínas bem ao norte do templo de Marduque, na Babilônia. Quanto às línguas, é interessante saber que

muitos filólogos concordam que as línguas e idiomas vieram de uma só família. Também muitas descobertas e teorias levam a crer que a raça humana deriva de uma raça ou família proveniente de perto do atual Iraque. Diante disso não podemos menosprezar a famosa torre de Babel como simples lenda. Apesar de encontrar paralelo em outras literaturas pagãs, isso só prova que houve um fundo de verdade comum entre elas, e que os povos pagãos distorceram a história real sobre a torre.

8.7. Os Patriarcas

Os patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó foram considerados por muitos como lendas idealizadas pelos judeus do pós-exílio. Quando o arqueólogo Leonard Woolley sugeriu que o nome Abraão, encontrado nas ruínas de Ur, pudesse ser uma referência ao patriarca bíblico, foi duramente criticado no meio acadêmico.

A. Resposta Apologética. Contudo, tanto os nomes como os costumes e episódios associados a eles são atestados pelas descobertas arqueológicas. Vejamos:

Nomes - O nome Abraão foi encontrado em textos assírios e babilônicos da época dos patriarcas. Prefixos i/y de nomes como Yitzchak (Isaque) e Ya'akov (Jacó) aparecem em documentos daquela época.

Costumes - A compra da caverna de Macpelá dos heteus está de conformidade com as descobertas arqueológicas.

A compra do direito de primogenitura de Esaú encontra um paralelo secular de outro episódio narrando o mesmo costume por diferentes pessoas nos antigos tablets de Nuzi. O episódio de Jacó tomar uma esposa e se tornar parte da família também foi atestado por narrativas semelhantes nas placas de Nuzi. Já o relato da correria de Labão atrás de suas imagens furtadas, encontra sua razão no fato de que, na época, era costume que, quem ficasse com tais imagens domésticas, poderia reivindicar legalmente as propriedades de seu dono.

Um outro trecho bíblico que é questionado por alguns é a razão de Isaque não ter retirado a bênção de Jacó quando soube que este o enganara, porém, as descobertas arqueológicas em Nuzi indicaram que as promessas orais eram tidas como legais e irreversíveis naquela época.

Algo muito contestado entre os críticos e que se apresentava como prova da falta de historicidade da Bíblia era a menção de camelos na era patriarcal. Naquela época, diziam os críticos, os camelos ainda não haviam sido domesticados. Contudo, observou a arqueóloga Kenneth Kitchen: "Com frequência tem sido afirmado que a menção de camelos e sua utilização é um anacronismo no livro de Gênesis. Tal acusação simplesmente não está ao lado da verdade, visto que existem evidências tanto filológicas quanto arqueológicas no tocante ao conhecimento e à utilização desse animal nos começos do segundo milênio a.C., e mesmo antes".

Cidades - Cidades como Ur, Harã, Hebrom, Berseba e Siquém foram descobertas pelos arqueólogos. Até mesmo a tão contestada guerra entre Abraão e os reis do capítulo 14 de Gênesis são agora corroboradas pelas descobertas arqueológicas que mostram que aquela região era bem povoada na rota comercial entre Damasco e as regiões de ouro. Foi constatado que tanto essa rota de viagem, como o nome daqueles reis, eram de fato daquela época.

Além disso, se os patriarcas como Abraão são apenas lendas, isso refletiria em sérias complicações sociais e ideológicas hoje em dia. Por exemplo, a prática da circuncisão que os judeus observam até o dia de hoje seria uma farsa levando em consideração a teoria da não existência de Abraão. Mas este costume religioso representa, para a comunidade judaica, sua identificação com os patriarcas bíblicos. Negar Abraão é negar a fé de milhares de judeus que, ao nascerem, seus pais os submetem à Aliança que o Eterno Deus firmou com este hebreu. Também as disputas entre judeus e palestinos pela terra prometida hoje em dia não teriam sentido se tal argumento contra a historicidade destes relatos fosse possível.

Diante disso, Keller chega à seguinte conclusão: "...as histórias dos patriarcas da Bíblia não são – como têm sido consideradas com frequência – simples 'lendas piedosas' e sim acontecimentos e descrições de uma época histórica que se pode datar!".

8.8. Monoteísmo

Os críticos dizem que a religião monoteísta de Israel é o produto de um longo percurso evolutivo passando da adoração de espíritos, para o animismo, deste para o politeísmo, hedonismo e finalmente chegando ao monoteísmo.

A. Resposta Apologética. Novamente as pesquisas demonstram que os pressupostos dos críticos estão errados. Por exemplo, Norman Geisler relata que "ao contrário da convicção popular, as religiões primitivas da África revelam por unanimidade um explícito monoteísmo. Uma das maiores autoridades em religiões africanas, John S. Mbiti que, em sua carreira, já pesquisou mais de 300 religiões tradicionais, declarou: "Em todas estas sociedades, sem uma única exceção, as pessoas têm uma noção de Deus como o Ser Supremo". Isto é uma verdade compartilhada por outras religiões primitivas, muitas das quais crêem em um Deus Altíssimo ou em um Deus celestial, assinando mais uma vez o monoteísmo primitivo.

As origens do politeísmo podem ser explicadas como uma degeneração do monoteísmo original. Quer dizer, o paganismo originou-se do monoteísmo primitivo, e não o contrário. Isso é evidenciado no fato de que a maioria das religiões pré-alfabetizadas possuía uma visão monoteísta de Deus. William F. Albright reconhece, igualmente, que os respectivos deuses dessas religiões "eram considerados todo-poderosos e cridos como criadores do mundo; eram, geralmente, deidades cósmicas e seus adeptos, freqüentemente, acreditavam que tais deuses residiam no céu".

Essa concepção é claramente contra as concepções politeístas e animistas de deidade. Não há nenhuma razão concreta para negar o monoteísmo primitivo apresentado pela Bíblia. Pelo contrário, há toda evidência para acreditar que o monoteísmo foi a primeira concepção religiosa que algumas religiões deturparam. De fato, essa é a posição que melhor se ajusta à forte evidência de que o monoteísmo revelado na Bíblia foi distorcido pelas tendências humanas".

"O Dr. Stephen Langdon, da Universidade de Oxford, descobriu que as mais primitivas inscrições babilônicas sugerem que a religião do homem consistia na crença de UM DEUS, e daí houve um desvio rápido para o politeísmo e a idolatria."

"Sir Flinders Petrie afirmou que a religião original do Egito foi monoteística". Com isso corrobora o Dr. Robert Brow ao declarar: "Muitas vezes se tem feito a suposição de que as tribos da idade da pedra descobertas nestes últimos cem anos nos forneçam o modelo da religião primitiva originária, mas tal suposição carece de fundamento. Com efeito, as pesquisas demonstram que todas as assim chamadas tribos primitivas conservam a lembrança de um 'Grande Deus' paterno e bom; além disso, cada vez se torna mais claro que os sacrifícios dos feiticeiros efetuados com finalidades mágicas são uma degeneração de formas altas, e não um resíduo de religião primitiva".

Vários antropólogos têm anunciado que entre todos os povos primitivos tem havido a crença generalizada em um único Deus.

Em resumo, a concepção correta de Deus, o monoteísmo primitivo, foi resgatada e não evoluída durante séculos. Deus fez o homem conforme a sua imagem, mas os homens corromperam esta verdade (Rm 1.23).

8.9. Sodoma e Gomorra

As cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra, assim como os eventos a elas associados são considerados por muitos até hoje como fruto da imaginação de contadores de histórias. Segundo eles, essas "lendas" foram contadas para ilustrar lições teológicas judaicas posteriores.

A. Resposta Apologética. Novamente as descobertas arqueológicas estão lançando por terra tais conclusões céticas. Não só foram descobertas as cinco cidades mencionadas em Gênesis 13.10,11 (Sodoma, Gomorra, Admá, Zoar e Zeboim) chamadas de cidades da planície, mas também que todas elas estavam cobertas por cinzas com vestígios de destruição por fogo.

Nos sítios escavados foram encontrados vários utensílios, indicação possível que esta área fora primitivamente muito povoada e próspera e, portanto, fértil como indica a Bíblia.

Quanto ao episódio da mulher de Ló ter se transformado numa estátua de sal (Gn 19.26), não parece ser algo inverídico, pois vários arqueólogos descobriram nas proximidades dos sítios sal, enxofre e piche (betume).

As águas do mar morto contêm 25% de elementos e componentes sólidos, a maior parte constituída por cloreto de sódio, isto é, sal de cozinha. Os oceanos contêm apenas 4 a 6% de sal. "...Tudo que está perto do mar salgado até hoje se cobre em pouco tempo com uma crista de sal".

É interessante notar que nessa região, mais precisamente perto do vale de Sidim, se encontra uma serra cristalina de puro sal. Os árabes costumam chamar de Jebel, nome primitivo que contém a palavra Sodoma. Quando há chuva, enormes blocos de sal são deslocados ao pé da serra. Alguns desses blocos, segundo os pesquisadores, se assemelham a pessoas em pé.

O arqueólogo M.G.Kyle, que trabalhou com o famoso W.F Albright, conta que sobre o monte mencionado acima existe um "estrato de marga misturada com enxofre livre; e que no tempo próprio Deus ateou fogo aos gases; grande explosão se verificou; o sal e o enxofre, incandescentes, foram atirados pelos ares, de modo que caiu literalmente do céu uma chuva de fogo e enxofre. A mulher de Ló ficou impregnada de sal".

Por sua vez, teoriza Keller, "A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da greta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Bashan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto. Desde tempos imemoriais os territórios em redor desta depressão são sujeitos a terremotos".

Aí está uma explicação razoável e possível do episódio bíblico envolvendo Sodoma e Gomorra e a mulher de Ló.

8.10. José

A historicidade de José, semelhante aos patriarcas, é posta em dúvida pelos críticos atuais.

A. Resposta Apologética. A história bíblica de José e a estada dos filhos de Israel no Egito têm lugar no período turbulento do domínio dos estrangeiros hicsos no Nilo. Não admira, pois, que não chegasse até nós nenhum testemunho egípcio contemporâneo a respeito. Entretanto, há provas indiretas da autenticidade da história de José.

Por exemplo, as plantas aromáticas que os ismaelitas levavam para o Egito eram de grande comércio naquela região. O nome Potifar era um nome comum no Egito. Os artistas egípcios representavam as solenidades dos dignatários com uma solenidade que só encontra paralelo na Bíblia, como no caso do empossamento de José ao cargo de vice-rei. Soma-se a isto o fato de que muitos lugares no Egito até hoje levam o nome de José como, por exemplo, um canal de água do Nilo por nome Bahr Yusuf (canal de José).

Kenneth A. Kitchen, egiptólogo e orientalista aposentado pela Universidade de Liverpool, na Inglaterra, afirmou que a arqueologia e a Bíblia "se harmonizam" quando descrevem o contexto histórico das narrativas dos patriarcas. Um exemplo: José, um dos filhos de Jacó, foi vendido como escravo por 20 moedas de prata (Gn 37.28). Kitchen assinala que esse era o exato preço de um escravo naquela região, naquela época, como ficou comprovado por documentos recuperados na região que é hoje a Síria e o Iraque.

Outros documentos revelam que o preço de escravos subiu de forma contínua nos séculos seguintes. Se a história de José tivesse sido inventada por um escriba judeu do século VI, como sugerido por alguns céticos, por que o valor citado não corresponde ao preço da época?

A razão de não se ter menção de José em documentos egípcios encontra-se no fato de que José viveu no tempo dos hicsos, um povo semita que conquistou o Egito. Quando a Bíblia diz que "...levantou-se no Egito um rei que não conhecia José..." (Ex 1.8-11) está falando provavelmente de Ramsés II, que fazia parte da nova dinastia egípcia que havia reconquistado sua pátria das mãos dos hicsos. Diz Keller que "os egípcios quase nem nos transmitiram os nomes dos odiados soberanos hicsos quanto mais os de dignitários e funcionários do governo". Deste ponto de vista histórico, fica fácil deduzir porque o nome de José não é encontrado nos anais dos faraós. Os egípcios detestavam os semitas por serem criadores de gados.

Por outro lado, parece que os fatos ocorridos na vida de José no Egito não foram totalmente esquecidos na tradição daquele povo. Foi encontrado um documento narrando uma história igual à ocorrida com José e a mulher de Potifar conhecida como a "história dos dois irmãos", encontrada num papiro da época de Seti II após o Êxodo. Talvez, essa seja uma história adaptada do evento que ocorreu com José e a mulher de seu senhor.

Também foi encontrada uma inscrição mencionada por Brugsch em sua obra "Egito sob os Faraós" a narrativa de um certo Babá, governador da cidade de El-Kab, contemporâneo à dinastia governada por José. Diz o documento que ele (Babá) procedeu durante a fome no Egito igual a José, distribuindo comida para o povo.

8.11. Moisés

Todos os arqueólogos críticos da Bíblia sustentam unanimemente que Moisés nunca existiu. Baseiam-se para tanto na falta de evidências arqueológicas.

A argumentação para apoiar este ponto de vista parte de algumas conjecturas básicas:

Dizem que é estranho não haver indícios de Moisés em lugar algum do Egito, apesar de ele ter sido criado pela família real. Isso prova que ele não existiu.

Também que a travessia desse grande povo pelo deserto "deveria deixar diversos vestígios arqueológicos", mas não há.

A. Resposta Apologética. De início, diríamos que descartar Moisés do cenário histórico apenas por que há poucas fontes seculares, é um "crime historiográfico" sem precedência, pois se acompanharmos essa linha de raciocínio, o que será do resto da nossa história? Homero, Heródoto, Sócrates, Heráclito, Pitágoras... Se o documento mais notório da história da humanidade – a Bíblia – não servir para termos noção historiográfica de personagens como Moisés, Davi, Salomão, o que pensarmos dos outros documentos históricos bem menos fiéis do que a Bíblia? Esse radicalismo metodológico pode nos precipitar em uma grande crise de identidade histórica.

Mas é bom ressaltar que mesmo a aparente falta de evidência extrabíblica não quer dizer que ele (Moisés) nunca tenha existido. Lembre-se que o mesmíssimo argumento até 1993 era usado contra a existência de Davi e até de Jesus! Também temos presente que muitas coisas ainda estão para ser descobertas. O historiador e arqueólogo Francisco Marshall, da Universidade Federal do Rio, fornece uma prova disso quando assegura que "...no mundo antigo muitos fenômenos podiam ocorrer sem deixar vestígios". As "pedras", a qualquer momento, poderão surpreender os céticos. E quanto a não haver nenhuma menção a Moisés nos anais do Egito, isso não deve nos surpreender, e é até admissível que governantes como Faraó jamais iriam, devido ao seu orgulho, deixar registrado o nome de alguém que humilhou a sua pessoa, seu povo e seus deuses. Não seria esse um costume antigo em voga naquela época, isto é, o nome de pessoas rebeldes ser tirado da história ou herança do povo? O Dr. Champlin, em seu famoso comentário bíblico, elucida que naquela época havia um "registro dos cidadãos do país" e que tal registro implicava em prova de cidadania com seus respectivos privilégios. E prossegue dizendo que ter o nome apagado

equivaleria a “perder tais privilégios”. Seria razoável admitir que Faraó possa ter tomado medidas drásticas como essas a respeito de Moisés. Por que não?.

Se for esse o caso, o nome de Moisés foi literalmente apagado dos anais de Faraó. Entretanto, há uma inscrição descoberta na Península do Sinai, no templo de Serabit, construído a mando de uma rainha, que atesta a presença de um Moisés no Egito. Tal escrito foi decifrado pelo Dr. Hubert Grimme, professor de filosofia semítica da Universidade de Münster. A inscrição diz: “Eu, Moisés, chefe e primeiro sacerdote do templo, agradeço a tshepsut, filha de Faraó, por haver-me salvo das águas do Nilo e haver-me ajudado a obter tão altas honrarias” (cf At 7.21-22). Apesar do nome Moisés ser um nome egípcio comum, não poderia ser este Moisés o mesmo Moisés da Bíblia? Essa é uma possibilidade que não pode ser descartada.

8.12. O Êxodo

Assim como Moisés, os críticos colocam o episódio do Êxodo mais na categoria de lendas do que de história verídica.

A. Resposta Apologética. Embora haja os que contestem, este que é um dos relatos mais importantes da Bíblia hebraica: o Êxodo. Nahum Sarba, professor de estudos bíblicos da Universidade de Brandeis, afirma que o relato do Êxodo “não pode, de modo algum, ser uma peça de ficção. Nenhuma nação inventaria para si mesma uma tradição assim tão ingloria”, a menos que houvesse um núcleo verídico.

Com respeito ao Êxodo, ao contrário do que insinuam os críticos, há indícios fortes de que aquele evento possa ter ocorrido. Apesar de não termos evidências diretas podemos usar o que os cientistas chamam de “plausibilidade contextual”. Podemos provar indiretamente que o Êxodo ocorreu como descrito na Bíblia.

A descrição dos achados arqueológicos da época é fiel ao cenário pintado pela Bíblia. Até mesmo o crítico Silberman foi “forçado” a confessar: “...os tipos de condições de servidão que vemos descritos no Êxodo parecem realistas”.

Episódios circunstanciais descritos no Êxodo foram descobertos pelos arqueólogos e, indiretamente, isso acrescenta veracidade ao evento.

Por exemplo, é opinião unânime entre os arqueólogos que naquela época o Egito recebia estrangeiros de Canaã. Keller diz que “a posteridade deve à areia seca do deserto egípcio a conservação de uma série considerável de hieroglíficos, entre os quais se encontram muitas indicações de peregrinação de famílias semitas à terra do Nilo”.

Há provas de que tais moradores estrangeiros foram muitas vezes criadores de problemas e de que o Egito oprimiu e escravizou muitos deles por várias dinastias. Também temos registros de que escravos escapavam, e que o Egito sofreu sob condições semelhantes às dez pragas. A Bíblia diz que duas cidades foram construídas por Faraó pelas mãos dos israelitas, Pitom e Ramsés: “E puseram sobre eles maiores de tributos, para os afligirem com suas cargas. Porque edificaram a Faraó cidades-armazéns, Pitom e Ramsés.” (Êx 1.11). Foi encontrado por Fisher, em 1922, uma estrela de Ramsés II na qual dizia: “Construí Ramsés com escravos asiáticos-semitas”. Possivelmente uma referência aos israelitas.

O egiptólogo Brugsch conta que “na câmara de uma tumba das colinas de Abd El Quivah, há uma representação gráfica de ladrilheiros cativos de Tutmés III, muitos dos quais dão mostras de pronunciados rasgos judaicos”. É interessante que nessas inscrições aparecem pessoas de peles claras, notadamente semíticas, em contraste com os capatazes egípcios. Mas o mais incrível é a frase que se encontra nesta figura: “O bastão está em minhas mãos; não sejais ociosos”. Uma incrível semelhança com o que está escrito em Êxodo 5.8. Quanto aos tijolos, os pesquisadores Naville (1883) e Kyle (1908), acharam em Pitom as fiadas inferiores de tijolos cheios de boa palha picada; as fiadas de cima eram de tijolos de puro barro, sem palha alguma (cf. Êx 5.7).

Para Moisés libertar o povo, entretanto, Deus teve de intervir com as famosas 10 pragas. Ultimamente, muitos cientistas têm proposto várias teorias para explicar as pragas do Egito. Recentemente, o físico Colin Humphreys, da Universidade de Cambridge, lançou o

livro *The Miracles of Exodus* (Os milagres do Êxodo), em que prova por meios científicos que os eventos ocorridos na Bíblia de fato são verídicos. Ele explica as pragas do Egito como uma catástrofe ecológica. As pragas teriam dado sequência umas às outras. A mesma teoria foi proposta por Jonh Marr, diretor do escritório de epidemiologia do Departamento de Saúde da Virgínia, nos Estados Unidos. Quanto a última praga – a morte dos primogênitos – Halley diz o seguinte: “acharam-se inscrições indicativas de que Totmés IV, sucessor de Amenotepe II, não foi primogênito deste, nem herdeiro necessário. Também que o primogênito de Merneptá morreu em circunstâncias especiais, e que o seu sucessor não era seu primogênito, nem herdeiro necessário” e conclui: “Assim, qualquer que fosse o Faraó, confirma-se a declaração bíblica”.

Entretanto, é objetado por alguns arqueólogos que “Não é razoável aceitar a idéia de fuga de um grande grupo de escravos do Egito, através de fronteiras fortemente vigiadas por guarnições militares, para o deserto e depois para Canaã, numa época com colossal presença egípcia na região”.

Contudo, as explicações para estes questionamentos encontram-se no fato de Deus ter ordenado a Moisés tomar uma rota mais longa pelo deserto que a normal, pela faixa de Gaza (Êx 13.17). Ninguém sabia explicar essa ordem que à primeira vista seria até insensata. No entanto, a arqueóloga israelita Trude Dothan descobriu que a rota mais perto estava fortificada e patrulhada pela milícia de Faraó. Daí a razão de Deus mandar os israelitas tomarem uma rota diferente pelo deserto. “Moisés sabia muito bem que contra a vontade do Faraó seria impossível fugir do país. Os postos militares dariam imediatamente o alarme e as guarnições acorreriam [...] Moisés conduziu os filhos de Israel para o sul, até ao Mar Vermelho, onde não existia muralha”. Também alguns cientistas, usando satélites com tecnologia infravermelha, puderam constatar que há evidência de trilhas e acampamentos feitos por um grande número de pessoas fazendo o mesmo percurso do Êxodo – do Nilo até o Sinai. Diz Keller que “Do Nilo até aos montes da península do Sinai estendia-se uma trilha antiqüíssima. Era o caminho por onde seguiam as colunas de trabalhadores e escravos que já desde 3.000 anos a.C. extraíam cobre e turquesas no Monte Sinai”.

8.13. A Lei

A Aliança que Deus fez com Israel no Sinai refletia no fundo e na forma os tratados de suserania Hitita. M.G. Kline, em sua obra *Treaty and Covenant*, (Pacto e Aliança) mostra que o tratado de suserania encontrado no antigo Oriente Próximo é a chave para a compreensão da forma de aliança de Deus com o antigo Israel. Ele e muitos outros estudiosos sugerem ainda que os Dez Mandamentos, o livro da Lei e textos como Josué 24, estão todos baseados em um modelo de aliança encontrado nas antigas civilizações que contém:

CONTEÚDO	REFERÊNCIA BÍBLICA
Um preâmbulo no qual o suserano (o autor) é identificado	(cf. Êx 20.2)
Um prólogo histórico que descreve a relação anterior entre as partes	(cf. Êx 19)
Estipulações básicas e detalhadas; as condições e as exigências do suserano	(cf. Ex, capítulo 21 em diante)
Depósito de uma cópia do pacto no santuário do vassalo	(cf. Ex 40.21)
Leitura pública periódica dos termos do pacto diante do povo	(cf. Dt 30.9-13)
Juramento de lealdade acompanhado de maldições e bênçãos invocadas sobre o vassalo, isto é, a ratificação da aliança	(cf. Dt, capítulos 27 e 28.)
Testemunhas e direcionamento para que se cumpra o acordo	(cf. Dt 4.26; 31.26, Js 24.22).

Dizem ainda algumas autoridades que “quase todos os tratados dos séculos XIV e XIII a.C., de que se tem notícia, seguiam esse padrão bem de perto” (Mcdowell). Outro erudito completa: “É perfeitamente possível que aquele marcado caráter de estatuto de aliança tenha sido impresso no decálogo [...] sob inspiração daqueles tratados” (Deissler). “Todo este procedimento pactual provê o contexto cultural em que o relacionamento de Deus com seu povo é formulado”.

É notadamente marcante o exemplo histórico que temos quanto a isto. Escavações arqueológicas têm demonstrado que o Código de Hamurabi, escrito séculos antes de Abraão, seguia bem de perto esta forma. Este código foi escrito em uma pedra negra com cerca de 2,40 m, contendo 82 seções sobre diversas leis. Muitas leis contidas nesta pedra revelam inúmeras similaridades com as leis do Pentateuco, quanto a castigo de crimes, imposição de multas contra delitos leves e quebras de contratos. No extremo superior desta pedra, há um baixo relevo que mostra Shamash, o deus sol, no ato de dar as leis ao rei Hamurabi. Também os tabletes de Ras Shamra, que datam cerca de 1400 a.C., registram várias leis similares as do livro do Levítico, como ofertas queimadas, os holocaustos, as ofertas de culpa e as ofertas pacíficas (Mcdowell).

Fica provado que a forma do pacto israelita era baseado nos pactos das civilizações do antigo Oriente. Não cabe aqui descrever todos os documentos antigos escritos em pedras encontrados pela arqueologia (como por exemplo: a “Pedra Roseta”) que depõe fortemente a favor do fato de que escrever os Dez mandamentos em pedras, não passava de um costume da época.

Por fim concluímos que:

- Era costume dos povos antigos alegarem que recebiam as leis das mãos do seu deus (exemplo de Hamurabi);
- Era costume dos povos da época gravar estas leis em pedras;
- Todas essas leis, de certa maneira, em seus múltiplos aspectos, qual seja, cerimonial, moral e civil estavam contidas no código dessas civilizações.

8.14. A Arca da Aliança

A arca, por exemplo, não refletia costumes posteriores, mas da época ou antes do Pentateuco. Ademais, Price joga mais luz nesta questão ao dizer com muita propriedade: “A arqueologia também nos ajuda a entender a razão para as tábuas terem sido depositadas dentro da arca. Nas culturas do Oriente Próximo, nos tempos de Moisés, era costume pôr documentos legais e acordos entre reinos rivais ‘aos pés’ do deus que cultuavam, no seu santuário. Este deus agia como o guardião dos tratados e supervisionava sua implementação. Registros egípcios fornecem exemplos disso num pacto feito entre Ramsés II e Hatusilis III. O acordo foi fechado ao depositar uma cópia do tratado aos pés de Teshup, o deus do rei hitita, e de Rá, o deus do Faraó. As tábuas da Lei colocadas dentro da arca estavam igualmente ‘aos pés de Deus’, porque a arca era o escabelo de seus pés”.

8.15. O Mar Vermelho

Há muito tempo os estudiosos vêm labutando com o que é conhecido como o “milagre do mar vermelho”. Tentaram explicar que a tradução Yam suph para Mar Vermelho pode ser traduzida para Mar dos Juncos que também linguisticamente é possível. Esse mar dos juncos era bem mais raso e aquela grande caravana poderia ter passado a pé por ele. Mas parece que tal teoria não encontra guarida entre a tradição judaica, pois o Novo Testamento nunca traduz a narrativa por Mar dos Juncos, mas sempre por Mar Vermelho (cf. Hb 11.29; At 7.36).

Halley nos dá uma explicação natural possível para este fenômeno. Diz ele que: “o braço do Golfo de Suez pode ter penetrado mais para o norte do que acontece hoje. Praias elevadas na área indicam a possibilidade de haver tais alterações no nível da água e da terra. Se este for o caso, então o mar teria fluído mais para o norte, enchendo as depressões

que hoje são conhecidos como 'Lagos Amargos'. Se um vento contínuo (Êx 14.21) diminuísse o nível da água, fenômeno este que se observa frequentemente, uma ponte terrestre apareceria, ladeada e protegida pelas águas ao norte e ao sul. As águas seriam um 'muro', significando apenas que serviam como 'defesa'. Não precisamos postular um monte perpendicular de água, a desafiar as leis da gravidade. O 'muro' seria uma vasta maré forçada pelo golfo abaixo. A perseguição feita pelos egípcios demonstra que o inimigo não via nada mais do que um fenômeno estranho, porém não completamente sobrenatural. Não podiam atacar pelos flancos, pois as águas na depressão ao norte e no golfo ao sul, eram um tipo de 'muro'. Seguiam através da lama marítima assim exposta, e foram presos e emaranhados pela volta da maré (Êx 14.26) que se seguia a acalmar-se o vento".³⁰

Diante de tudo, concluímos que não está descartada de todo a esperança de encontrarmos vestígios do Êxodo, mas lembremos que é pouco provável que os egípcios, orgulhosamente religiosos, tenham publicado abertamente desastres que difamassem seus deuses e imortalizassem a derrota de seu poderoso exército nas mãos de escravos andariéis. Assim sendo, é quase impossível encontrar evidências destes eventos miraculosos. Talvez um indício disso seja uma inscrição egípcia do século XIII que menciona um povo por nome Israel, o qual, segundo esta inscrição, teria sido dizimado numa campanha de Faraó Meneptah. Porém, sabemos que isto não é verdade pelo simples fato de a história testificar da presença dos judeus durante todos estes séculos. Talvez essa história seja uma compensação moral para anular a derrota dos egípcios para Israel no episódio do Mar Vermelho. William G. Dever, arqueólogo da Universidade do Arizona, observa: "Escravos, servos e nômades costumam deixar poucos traços nos registros arqueológicos". Daí a razão de não se terem encontrado vestígios arqueológicos do Êxodo.

8.16. Canaã

Apesar de não ser questionada a entrada dos israelitas em Canaã, contudo o modo e a data, como se deu essa entrada, são altamente contestados.

A. Resposta apologética. Primeiramente, deixamos claro que Josué foi pessoa real. Nas placas de Amarna, escritas naquela época, para o Faraó do Egito, acerca do desbarato do rei de Pela, se encontram estas palavras: "Pergunte a Benjamim. Pergunte a Tádua. Pergunte a Josué."

É objetado que Israel sob o comando de Josué não invadiu Canaã, antes acreditam ter sido uma infiltração pacífica e lenta. Mas esta suposição não coaduna com as descobertas de destruição nas principais cidades do relato bíblico: Jericó, Ai e Betel. Nestas três cidades encontraram-se vestígios de destruição por fogo, assim como relata a Bíblia. Também muitas descobertas arqueológicas levam a crer que isso aconteceu no século XIII a.C.

Por exemplo, em Betel havia "tijolos derribados, queimados até ficar avermelhados, terra preta impregnada de cinza, e detritos tostados e estilhaçados". Prova incontestável de uma invasão avassaladora.

Descobertas de cartas em escrita cuneiformes mostram que na época da invasão, havia um desassossego geral com intrigas e lutas dos príncipes entre si e contra tribos nômades. A verdade é que nessa época o domínio do Egito sobre Canaã era insignificante. Diz Keller que "dilacerada por guerra dos pequenos reinos e principados das cidades-estados entre si, despojada por uma política egípcia de ocupação corrupta, Canaã estava igualmente esgotada".³¹ O povo havia se empobrecido e estava a diminuir.

Por volta do século XIII, uma nova onda de povos estrangeiros vindos do mar Egeu invadiu Canaã. Uma prova de que isto ocorreu na época descrita pela Bíblia é o fato de os arqueólogos terem encontrado uma lápide de um templo de Tebas em que se encontra a narrativa da vitória do Faraó Merenptah sobre os líbios. Este Faraó reinou por volta de 1234 a.C. Entre outras façanhas, eles mencionam o nome dos Filhos de Israel. Vejamos: "Canaã

³⁰ HALLEY, Henry H. *Manual bíblico Halley*. Edições Vida Nova, 1991, p.120.

³¹ KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão...*. Editora Melhoramentos, 1962, p.137.

foi capturada com todos os maus. Ascalão foi aprisionada, Geser ocupada, Jenoam aniquilada. O povo de Israel está desolado, não tem juventude; a Palestina tornou-se viva para o Egito”.

Este documento é valiosíssimo sob vários aspectos:

1. Primeiro, porque é um dos documentos mais antigos a mencionar o nome Israel e quando o faz menciona-o como povo.
2. Segundo, porque a menção de Israel com outras cidades da Palestina indica que eles já haviam ocupado a terra de Canaã.
3. Finalmente, um outro pormenor circunstancial que vem corroborar é a menção de facas de pedras em Josué 5.2-3. Os filisteus foram os primeiros a possuírem armas de ferro em Canaã. Os israelitas ainda estavam atrasados em tecnologia bélica se comparado aos cananeus. Nos túmulos ao redor de Kefr Ishu'a, a chamada “Aldeia de Josué”, foi encontrada, em 1870, grande quantidade destas facas.

8.17. A Religião dos Cananeus

Muitos ficam a pensar o porquê do extremismo religioso dos israelitas em destruir os cananeus. Mas quando olhamos para as descobertas arqueológicas sobre a religião dos cananeus, podemos ter certeza de que Josué tinha razão. O culto pagão dos cananeus era mesclado com prostituições, sacrifícios humanos e até infantis. Os próprios deuses eram representados com caráter imoral e violento, o que refletia no fervor religioso de seus adeptos. Essa religião devassa fazia parte da vida dos povos primitivos.

8.18. As Muralhas de Jericó

Até hoje as muralhas de Jericó constituem-se em acirrados debates. Para muitos ela nem existiu.

A. Resposta Apologética. “DEPOIS partiram os filhos de Israel, e acamparam-se nas campinas de Moabe, além do Jordão na altura de Jericó.” (Nm 22.1).

B. Evidência Arqueológica. “A cidade de Jericó é representada hoje por um pequeno montículo de área [...] A cidade antiga foi escavada por C. Warren (1867), E. Sellin e C. Watzinger (1907-09), J. Garstang (1930-36), e K. Kenyon (1952-58)”.

“A primeira escavação científica em Jericó foi feita por Sellin e Watzinger em 1913”.

Desde que foi descoberta, Jericó tem se transformado em campo de batalha entre as interpretações arqueológicas.

“Jericó foi a mais velha fortaleza escavada”.

Quem primeiro descobriu isso foi o eminente professor J. Garstang. Suas pesquisas levaram-no a concluir que a cidade havia sido destruída várias vezes. Seus muros caíram como por um terremoto e isto na data indicada pela Bíblia. Todavia, novas escavações foram feitas em Jericó, desta vez pela arqueóloga Dra. Kathleen M. Kenyon. Ela chegou a novas e surpreendentes descobertas. Segundo ela, as muralhas realmente desabaram, mas isto se deu séculos antes da chegada de Josué, bem perto do século XVI. Suas novas pesquisas revelaram que na época de Josué não havia moradores nas cidades por que não havia cidades. Portanto, a narrativa bíblica estava errada.

Contudo, novas pesquisas foram feitas, agora pelo professor Jonh J. Bimson, em 1981, e este chegou a uma conclusão totalmente oposta da Dra. Kenyon. Segundo ele, a datação deve ser revista, pois suas pesquisas revelaram que o quadro arqueológico da época se ajusta perfeitamente na descrição que Josué lhes dá. Realmente, na época de Josué, existiam não só a cidade com suas muralhas como também seus moradores.

Recentemente, dois conhecidos arqueólogos voltaram atrás e propuseram que não existiam muralhas naquela época. Entretanto, é bom salientar que durante todas as

discussões em torno de Jericó, até onde sabemos, em nenhum momento foram postas em dúvida a existência das muralhas. Até os mais críticos nunca duvidaram que Jericó tivesse muralhas. Eis alguns testemunhos:

O próprio relato bíblico dos espias já dizia que as cidades possuíam muralhas (Nm 13. 28,29; Dt. 1.28);

“Segundo a tradição bíblica, depois que os hebreus deram sete voltas em torno de Jericó e os sacerdotes tocaram suas trombetas, os muros da cidade tombaram e ela foi ocupada pelas tribos de Josué. Jericó, cidade da Cisjordânia (margem ocidental do rio Jordão), é um dos agrupamentos urbanos mais antigos do mundo, pois remonta provavelmente ao nono milênio anterior à Era cristã. Diversas expedições arqueológicas empreendidas a partir de 1950 localizaram os restos da cidade no monte Tall al-Sultan. Durante o neolítico, Jericó tinha construções em adobe e uma muralha defensiva de pedra. Seus habitantes dedicavam-se à agricultura e à pecuária. Os primeiros restos de cerâmica encontrados datam de 5000 a.C. Por volta de 2300 a.C., desenvolveu-se um poderoso núcleo urbano, habitado inicialmente pelos amorritas e logo em seguida pelos cananeus. Acredita-se que a chegada dos hebreus de Josué tenha ocorrido entre 1400 e 1260 a.C.”.

Os professores Carl Watzinger e Ernst Sellin em 1907 a 1909 descobriram “duas muralhas concêntricas, sendo a interna em redor da crista da colina. Trata-se duma obra-prima de fortificação estratégica, feita de tijolos secos ao sol e constituída de dois muros paralelos, três a quatro metros distantes um do outro. A muralha interna, que é particularmente maciça, mede três metros e meio de espessura.” E concluem: “Os dois muros fortificados, sua colocação exata no tempo, as datas de construção e destruição desencadearam uma violenta disputa entre os sábios, com opiniões pós e contra, suposições e argumentos”.

J. Garstang descreve a destruição da cidade e sua muralha da seguinte maneira: “O intervalo entre as duas muralhas está cheio de escombros e entulho. Vêm-se nitidamente vestígios dum gigantesco incêndio, massas compactas de tijolos enegrecidos, pedras esmiuçadas, madeiras carbonizadas e cinzas. As casas ao longo dos muros foram queimadas até aos alicerces, seus tetos desabaram sobre os utensílios domésticos”. Garstang calculou que isto se dera por volta de 1400 a.C. Mas a controvérsia não parou, pois o padre Hugues Vincent, perito em arqueologia, estudou os mesmos dados e chegou à conclusão de que a muralha foi destruída entre 1250 e 1200 a.C. Segundo ele, “as muralhas possivelmente podem ter sido destruídas por terremotos, já que Jericó fica numa zona de terremotos, que atravessa a Ásia, passando por cima do Himalaia e do Tibete”.

“Conclui Keller: De qualquer modo, sabemos que as muralhas de Jericó existiram e ainda apresentam claros vestígios dum enorme incêndio”.

Muitos insinuam, atualmente, que aquelas cidades não possuíam muralhas, mas dois arqueólogos americanos Albright e Kyle não só constataram que Debir (Js 10.38) tinha muralhas, mas que estas foram destruídas também por um incêndio. Mais tarde, James Lesley descobriu a cidade bíblica de Laquis, nesta os vestígios de incêndio também se fazem presentes (Js 10.32).

Escavações constataram também que Betel assim como Jericó e Ai, foram totalmente arrasadas. O arqueólogo Albright confessou que não vira na Palestina indícios de uma conflagração mais devastadora do que essa. Também em Laquis, Debir e Hazor encontraram vestígios de destruição com restos de detritos e fogo (Js 10.32-39; 11.11).

Jericó não só tinha muralhas como casas eram construídas em cima delas (Js 2.15). Diz o Dr. John Garstang que “os dois muros se ligavam entre si por meio de casas construídas de través na parte superior, como a casa de Raabe”.

8.19. Davi e Salomão

Atualmente, os críticos não negam a existência de Davi e Salomão, mas ofuscam a realidade bíblica em relação ao reinado desses dois grandes reis. Davi não teria sido o

grande líder que a Bíblia afirma... Davi e Salomão teriam sido apenas líderes tribais de Judá.

A. Resposta Apologética. O crítico Martin Noth, professor de teologia, asseverou: "A tradição de Davi deve ser considerada histórica em sua maior parte". Vejamos algumas descobertas acerca desses personagens:

Davi e Salomão são incontestavelmente dois dos maiores pilares históricos da nação israelita. A existência desses dois reis se confunde com a própria existência da nação judaica. "Quanto a David, há pelo menos um achado arqueológico importante: em 1993 foi encontrada uma pedra de basalto datada do século IX a.C. com escritos mencionando um rei David (Casa de Davi)".

Sob esta consideração, Casa de Davi, implica que durante esse período os reinos de Israel e Judá eram, como a Bíblia descreve, grandes ameaças tanto política quanto militar para as nações circunvizinhas. Os revisionistas, porém, concederam que Israel e Judá eram cidades-estados insignificantes na época de Davi e Salomão. Mas um poder estrangeiro dominante como a Síria teria erigido um monumento comemorativo da derrota de inimigos sem qualquer importância?

A Bíblia atesta que Davi era músico. Descobriu-se em documentos egípcios que a Palestina era famosa por seus músicos com instrumentos de cordas.

Também o nome Davi parecia ser a corruptela de uma palavra encontrada no reino de Mari. Dâvidum era uma palavra que significava comandante, chefe de tropas. Alguns conjecturam que Dâvidum mais tarde se transformou em um nome próprio – Davi.

Keller diz que "as pás desenterraram numerosos testemunhos da conquista e edificação do reino sob o comando de Davi". Vestígios de destruição foram encontrados pelos arqueólogos nas cidades mencionadas pela Bíblia as quais Davi atacou.

Quanto ao progresso do reino diz: "Conservaram-se muitas construções dos primeiros tempos do reinado de Davi, sobretudo fortificações em Judá, erigidas como defesa contra os filisteus..." (2Sm 5.9).

Também não é mais motivo de ceticismo o modo como Davi conquistou a fortificada Jerusalém. A passagem secreta que possibilitou Davi surpreender Jerusalém foi descoberta por Warren em 1867 (2Rs 5.8). Era um túnel que levava diretamente dentro da cidade.

Quanto a Salomão não ter sido o grande rei que foi, os registros da invasão do rei Sisaque, após a morte do monarca hebreu, mostram a falácia dos argumentos de que ele não teria sido um poderoso imperador.

O arqueólogo Nelson Glueck desenterrou o Tell el-Kheileifh considerada a cidade bíblica de Asiongaber. As lendárias minas do rei Salomão também foram desenterradas em 1939 por Nelson Glueck, das Escolas de Pesquisas Orientais. O instituto oriental descobriu em Megido as cocheiras de sua vasta cavalaria (1Rs 9.15,19; 10.26-28).

8.20. Juízes, Reis e Profetas

Muitas objeções têm sido levantadas sobre estes livros e seus respectivos personagens.

A. Resposta Apologética. Descobertas arqueológicas sobre a inexistência de ferro na colonização israelita (Jz 1.19; 4.3), a opressão pelos cananeus e a vitória de Israel em Megido (escavado pelo Instituto oriental em Megido), (Jz 4.3; 5.19), covas de cereais (descobertas pelo Seminário Xênia em Quiriate-Sefer) refletem a vida dura da época dos juízes bíblicos (Jz 6.2,3). Também a destruição de Siquém por Abimeleque (Jz 9.4,45), (Sellin, 1913-1928).

O incêndio de Gibeá, mencionado em Juízes 20.40 (por volta de 1200 a.C.) foi descoberto por Albright e sua equipe em 1922.

Tudo isso indica que o livro dos juizes é história real.

Os documentos assírios, em escrita cuneiforme, mencionam nove dos trinta e seis monarcas hebreus que reinaram durante o período do império assírio, oferecendo-nos muita informação valiosa sobre a história do reinado dividido de Israel e Judá. Alguns exemplos são: Onri (mencionado na Pedra Moabita), Acabe (mencionado na inscrição de Salmaneser III), Jeú (mencionado no Obelisco Negro encontrado em Calá perto de Ninive), Jeroboão (mencionado no sinete de seu servo desenterrado das ruínas de Megido).

O Egito tem produzido uma bem acolhida cópia de evidências históricas sob a forma tanto de documentos como de outro material. Há registros a respeito da invasão de Judá e de Israel pelo exército do rei Sisaque, após a morte de Salomão, registrada em dois livros do Antigo Testamento.

Descobertas impressionantes na época de outros reis israelitas confirmam a veracidade histórica dos textos bíblicos. Por exemplo, em 1Reis 22.39 está registrado a casa de Marfim do rei Acabe. Isto foi considerado lendário até 1908, quando os arqueólogos americanos George A. Reisner, Clarence S. Fischer e D. G. Lyon, da Universidade de Harvard, fizeram escavações em Samaria e encontraram uma casa cujo chão estava repleto de marfim. Por certo, o palácio de Acabe. Dentro desta casa também encontraram vários utensílios de cosméticos, quem sabe os mesmos usados por sua mulher Jezabel (2Rs 9.30).

Também a seca mencionada por Elias é confirmada por documentos de Menandro, historiador fenício que menciona uma seca que durou um ano inteiro.

A tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, os nomes de Ciro e seu reinado, tudo isso está gravado nas páginas de pedras do oriente, mostrando assim que de lendário a Bíblia não tem nada.

Um vasto arquivo até hoje existente, que consiste em vintenas de documentos escritos em papiros pelos judeus do período pós-exílio, tem esclarecido muitos pontos obscuros acerca daquele interessante período histórico sobre o qual colhemos alguns vislumbres nos livros de Esdras e de Neemias. A pá e a picareta dos arqueólogos têm produzido, em favor dos estudiosos da Bíblia, uma grande abundância de material auxiliar que capacita-nos a compreender e defender, muito melhor do que antes, as narrativas históricas das Escrituras.

Sobre os profetas, foram descobertos vestígios arqueológicos da época de Isaías: as ruínas do palácio de Sargão (Is 20.1); a descoberta das cartas de Laquis mencionando personagens e episódios que tudo indica serem os do livro de Jeremias (Jr 26.20-24; 34.7); também temos o sinete de Gedalias (Jr 40.8; 2Rs 25.23). Em relação a Daniel, foi encontrado o sinete de Nabucodonosor que está no museu de Berlim, a queda da Babilônia e as ruínas de Nínive.

8.21. Profecias

Devido ao elevado grau de acerto no cumprimento das profecias os críticos acreditam que elas foram escritas depois do seu cumprimento.

A. Resposta Apologética. Apesar de ser escrita para o ser humano com peculiaridades marcadamente humanas, a Bíblia não é um livro comum, fruto da fértil imaginação do homem. Ainda que escrita há milênios atrás, ela continua atual; mais atual do que o jornal que vamos ler amanhã cedo. Uma prova incontestável de ser a Bíblia um livro de autoria divina são sem dúvida suas profecias.

O que é profecia? O dicionário define o termo como predição do futuro feita por um profeta.

Somente um Ser que não está preso ao tempo poderia prever acontecimentos futuros. Este Ser deveria também ser Todo-Poderoso para cumprir tais eventos. E, finalmente, estar a par de todos eles ao mesmo tempo, assistindo-os de perto, para que, caso haja motivos de mudanças em seus planos, Ele possa alterá-los. Este Ser existe, é comumente chamado de Deus. Todos estes atos só são possíveis devido aos atributos únicos que somente Deus possui, a saber: onisciência, onipotência e onipresença.

As profecias são a prova mais convincente de que Deus está por detrás da mensagem da Bíblia. Meros seres humanos não poderiam prever com exatidão que um acontecimento vai suceder milhares de anos antes, mas Deus sim. Na Enciclopédia Britânica (Barsa) lemos a diferença entre um profeta bíblico e o de outras religiões:

“A Bíblia explica a recepção da mensagem pelo profeta como uma inspiração semelhante a dos poetas e dos músicos ao criarem uma obra original. O profeta bíblico é, portanto, um instrumento humano de Deus. Em algumas religiões, o profeta fica reduzido a um instrumento despersonalizado e desumanizado, que se comporta mais como um médium do que como porta-voz da divindade e, por isso, aproxima-se mais da magia, ou da parapsicologia, do que da religião”.

Portanto, os profetas bíblicos não foram destituídos de suas características humanas, eles ainda possuem seu estilo de escrever e falar, mas inspirados pelo Espírito Santo de Deus foram impulsionados a profetizar.

8.22. Tipos de Profecias

Podemos classificar as profecias em três grandes grupos, a saber:

- Aquelas que têm cumprimento específico e já foram cumpridas (Is 13.19-21; Dn 9.2).
- Aquelas que possuem um duplo cumprimento (2Sm 7.12; Is 7.10-14; Dn 12.11 cf Mt 24.15)
- Aquelas que dentro de um mesmo evento têm cumprimento em partes (Jl 2.28-31 cf. At 2.17-21)

Assim temos:

- Profecias a respeito de Israel
- O cativo de Judá e seu retorno (Jr 31.35,36; Dn 9.1,2);
- O restabelecimento de Israel como nação (Is 60.9; Ez 11.17; Ez 36-37);
- Os reis de Israel procedendo de Judá (Gn 49.10);
- Os 400 anos no Egito (Gn 15.13).
- Profecias a respeito de governantes
- A respeito do chamado de Josias 300 anos antes de seu nascimento (1Rs 13.2);
- A respeito de Ciro chamado pelo nome 150 anos antes de nascer (Is 44.28).
- Profecias a respeito de impérios mundiais
- Sobre a queda de Babilônia (Dn 5.28);
- Sobre a divisão do Império Grego em quatro partes (Dn 8.8.22);
- Sobre a ascensão do Império Romano (Dn 8.9-11; 11.5,6).

A seguir, daremos apenas dois exemplos pormenorizados de profecias cumpridas envolvendo fatos históricos:

A. Profecia contra Babilônia. Babilônia sem dúvida é uma das mais conhecidas e afamadas cidades do mundo antigo. Nela ficava o que chamamos de uma das “sete maravilhas do mundo” – o jardim suspenso da Babilônia. Ficou famosa também por seus palácios, templos e jardins.

Babilônia chegou a conquistar o mundo de sua época tornando-se num império. Hamurabi, autor do famoso “Código de Hamurabi”, empreendeu a conquista da Mesopotâmia e criou o primeiro império babilônico.

Apesar deste esplendor todo, a ruína da Babilônia está predita nas profecias bíblicas de Isaías no capítulo 13 de seu livro. Vejamos o que previa a profecia e o seu cumprimento:

- Predição
- Seria destruída como Sodoma e Gomorra;
- Animais habitariam em suas ruínas;
- Não seria reconstruída;
- Seria tomada sem luta.

B. Cumprimento. Quanto à decadência da Babilônia lemos na Enciclopédia Britânica do Brasil (Barsa) o seguinte: “A queda da Babilônia em 539 a.C. e sua incorporação ao império persa acarretou o fim da Mesopotâmia como região histórica independente. Sob o domínio dos persas aquemênidas, a cidade manteve seu esplendor. Em 522 a.C., Dario I sufocou uma revolta popular; mais tarde, Xerxes reprimiu outra insurreição e ordenou a destruição da estátua de Marduk, símbolo religioso da Babilônia. Alexandre, o Grande, conquistou-a em 331 a.C. e, depois de reconstruir alguns de seus monumentos, morreu no palácio de Nabucodonosor, quando voltava da Índia. Durante a época selêucida, a cidade decaiu rapidamente, até desaparecer”.

Com as escavações de Robert Koldewey e sua equipe durante 14 anos, vieram à tona as ruínas dessa grande cidade. Hoje é uma cidade fantasma, ninguém mora ali a não ser animais selvagens como corujas, chacais e leões. Na época em que Sadam Hussein governava o Iraque, havia rumores de que ele reconstruiria de novo a cidade de Babilônia, mas com a sua derrota na guerra contra os Estados Unidos em 2003, foi-se qualquer esperança de este sonho ser concretizado. A profecia bíblica continua de pé.

Mas não foi só Isaías que profetizou sobre a queda desta grande metrópole. Jeremias faz predições minuciosas que se cumpriram em seus mínimos detalhes. Primeiro ele diz que as águas de Babilônia secariam: “Cairá a seca sobre as suas águas, e secarão; porque é uma terra de imagens esculpidas, e pelos seus ídolos andam enfurecidos.” (Jr 50.38).

Quando Ciro chegou às portas de Babilônia encontrou uma cidade inexpugnável com altas e fortes muralhas a proteger-lhe.

Diz o “Suplemento Arqueológico” da Bíblia de Referências Thompson que as escavações arqueológicas encontraram “um muro de mais de 22 quilômetros de extensão e 42 metros de largura, rodeando a parte principal da cidade”. Além disso, o rio Eufrates passava por dentro da cidade. Mas o conquistador persa encontrou uma solução. Desviou as águas do rio para um lago e pôde assim colocar seu exército dentro da cidade.

O profeta Jeremias vaticinou que a conquista se daria sem uma grande batalha: “Os poderosos da Babilônia cessaram de pelejar, ficaram nas fortalezas, desfaleceu a sua força, tornaram-se como mulheres; incendiaram as suas moradas, quebrados foram os seus ferrolhos.” (Jr 51.30).

Quando o exército persa invadiu a cidade pelo leito do rio, estava acontecendo uma festa dentro da cidade e assim desprotegida, Babilônia foi conquistada facilmente sem luta armada como bem previu Jeremias.

C. Profecia contra Tiro. Antiga cidade fenícia fundada no terceiro milênio a.C. Base da expansão dos fenícios no Mediterrâneo, cuja principal colônia era Cartago. Tiro ficou famosa por seu comércio de produtos tanto de prata como de ouro. Ficou famosa também por sua famosa tinta púrpura. Possui dois portos que ficavam a 32 km ao sul da famosa Sidom. Uma das mais impressionantes profecias da Bíblia diz respeito justamente a esta cidade e foi predita pelo profeta do cativo – Ezequiel – no capítulo 26 de seu livro. Vejamos o que o profeta previu e seu cumprimento:

- D. Predição**
- Tiro seria destruída;
 - Nabucodonosor invadiria a cidade;
 - Muitas nações lutariam contra Tiro;
 - Seria feita como uma penha descalvada;

- Pescadores espalhariam suas redes no local;
- Lançariam o entulho na água; Jamais seria reconstruída.

E. Cumprimento.

- Nações - No Suplemento Arqueológico da "Bíblia de Referência Thompson" lemos o seguinte: "Reis e militares de muitos países sitiaram Tiro, mas não puderam apoderar-se da cidade". Esses ataques foram durante um longo período, antes e depois das invasões de Nabucodonosor e Alexandre.
- Nabucodonosor - Após três anos da predição desta profecia, o rei da Babilônia sitia a cidade. O cerco durou 13 anos. Tiro foi capturada passando a fazer parte do império babilônico. Depois que Babilônia foi conquistada pelos Medos e Persas, ela foi automaticamente anexada à sua soberania. Nesta época, a cidade insular de Tiro ainda continuou vigorante.
- Alexandre, o Grande - Diz a Enciclopédia Britânica do Brasil (Barsa) sobre Tiro: "Antiga cidade fenícia fundada no terceiro milênio a.C. Base da expansão dos fenícios no Mediterrâneo, cuja principal colônia era Cartago. Resistiu aos cercos de Nabucodonosor (século VI a.C.) e Alexandre, o Grande (século IV a.C.)".
- Quando Alexandre marchou com seu exército contra Dario na batalha de Issos, direcionou suas armas contra o Egito rumo às cidades fenícias. Tiro resistiu e foi destruída.
- Entulho - Para Alexandre conseguir essa vitória, demoliu a velha Tiro e com seus entulhos construiu um tipo de molhe para seu exército passar e apoderar-se da outra cidade construída a 800 metros com o mesmo nome situada dentro de uma ilha. Alexandre limpou a velha Tiro que literalmente ficou uma "penha descalvada".
- Jamais seria reconstruída - Até hoje Tiro não passa de ruínas. A velha Tiro não foi mais reconstruída.
- Pescadores e redes - Hoje Tiro é uma vila de pescadores que estendem suas redes nas ruínas daquela que foi uma das mais famosas cidades da Antigüidade, cumprindo-se fielmente a profecia de Ezequiel.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das maiores provas da origem divina da Bíblia é sua sobrevivência. Em meio a tantos bombardeios, a Bíblia conseguiu sobreviver através dos séculos. Somente um livro que por diversas vezes foi testado nas fornalhas do escrutínio humano e tendo saído ileso, poderia fazer reivindicações tão fortes. Ela, sem sombra de dúvida, deu prova de ser a Palavra de Deus. Quanto aos seus críticos é bom não nos enganarmos: o mundo jamais nos aceitará. A luz sempre será antítese das trevas. Não podemos esperar menos o preconceito científico moderno contra tudo que toca à veracidade e confiabilidade da Bíblia.

Isto posto, gostaríamos de frisar que apesar de a fé cristã não ser uma fé cega, um salto no escuro, pois os fatos históricos bíblicos e seus conceitos teológicos estão intrinsecamente ligados entre si, o cristão tem uma vantagem: ele acredita na Palavra de Deus mesmo que ainda no momento faltem informações específicas históricas ao testemunho das Escrituras em alguma questão particular. Pelos antecedentes já vistos, descansemos na certeza de que o Antigo Testamento junto com o Novo Testamento constituem-se nos documentos históricos mais fidedignos do mundo, pois disso eles já têm dado prova à saciedade! No terceiro e último módulo dirigiremos nossas atenções para o Novo Testamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARCHER, Gleason L., Jr. Merece Confiança o Antigo Testamento? São Paulo: Edições VIDA NOVA, 1991.